

EX LIBRIS



BORBA
MORAES

RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

w.

É o primeiro livro
de poesias impresso
em S. Paulo,

ROSAS E GOIVOS.

POR

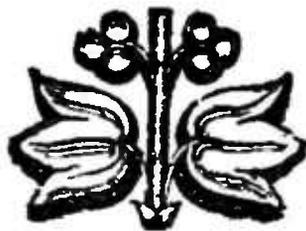
J. B. DE ANDRADA E SILVA.



*O mes strophes! voici votre heure, — elancez vous ;
Elancez vous, malgré les aquilons jaloux
Et les tempêtes vos rivales,*

*O mes strophes de plainte! O mes strophes d'amour!
L'espace est là, — partez, plongez y tour à tour
Comme un fol essaim de cavales.*

(TURQUETY.)



1849



S. PAULO. — TYPOGRAPHIA LIBERAL,
RUA DAS FLORES N. 9. (IMP. J. V. ARÉAS.)

DUAS PALAVRAS.

Que sepulchro ahi pela terra se encontra, que não tapizem algumas flôres sem perfume? — e o que é o passado senão um sepulchro, e o que é a existencia senão um cadaver? caião pois sobre a lousa, que a esmaga, rosas de um dia, goivos de toda a vida.

Ide meus cantos, ide como folhas levadas pelo vento; as tempestades da terra vos esperão, affrontai-as: — lá fóra tereis escarneos e risos — aqui, dentro de meu peito, consolações e allivios:

Ide; — é certo que vos amo e basta.

O ESCULPTOR-POETA.



AO ILLM. SR. M. A. A. A.

Je meurs, mais tu vivras.
(*Amour et foi.*)



I.

Pobre louco! — vigia a noite inteira
Junto da estatua, que lhe-some a vida;
Com o divo cinzel lhe-alinha as formas,
Lhe-aprimora as feições, e vaga immenso
Pelo espaço do ceu com ella em braços;
Tem no mundo um só ponto — ella e só ella —
N'alma tem um pensar — que é ella ainda:
A térra, o firmamento, o mar, os astros
Tudo que Deus creou, — nada lhe eguala.

Eil-o quêdo e sem voz a contemplá-la,
Sonhando c'rôas para a fronte ornar-lhe;
E louco, entusiasta, ebrio na terra,
Em seu mundo ideal lhe-erguendo um templo.
Cre-a mais bella que a Diana grega,
Mais bella do que a linda Fornarina.
Sente um affecto tão do ceu, tão alto,
Que a mente inda é pequena p'ra contê-lo,
E o coração no peito já não cabe!...

Oh pobre louco! — o firmamento é limpo,

Dorme o oceano, a natureza é morta ;
 Só no horisonte azul passeia a lua,
 E o vento da noite em ancia arqueja
 No bravio palmar. . . oh pobre louco !
 Quem te dará depois olhares d'alma,
 E como o teu um coração de fogo ?
 Em troca dessa longa eternidade,
 Assellada co'as chammas do teu genio,
 Acharás tu no exilio um peito d'anjo,
 Onde clausures, refervendo em extase,
 Esse atomo do sol involto em luzes,
 — Alma de bardo em coração de artista ? —
 Não ha de rir-te a aurora o sensitiva !

II.

Não tem o dia um brilhante ,
 A noite um veu radiante,
 Arde n'um fogo incessante ;
 Infeliz passa na terra,
 E a estatua que formou ,
 Que lóuco n'alma ideou,
 Embalde, embalde a-buscou
 Nas lindezas, que ella encerra.

Tem as faces desmaiadas,
 Tem as maçãs descarnadas,
 E as idéas abrasadas
 Vem-lhe os olhos accender ;
 Si ri — é riso amargoso,
 Si falla — é fallar queixoso :
 Já não tem um simples goso,
 Nem no passado um prazer.

Essa mesta pallidez
 Que espirito máu a-fez?
 Quem desbotou sua tez?
 Em troca da eterna vida
 Quem premiou-o co' a morte,
 Quem apagou-lhe o transporte,
 Oh quem, meu Deus, de um só córte
 Mostrou-lhe a estatua mentida?

Porque tão cego a-sonhaste,
 Porque assim eternisaste
 A mulher qu' imaginaste?
 Viste dos mares no fundo
 Formosa per'la a brilhar,
 E a-quizeste roubar
 No fervente louquejar,
 Que te-incantava este mundo!

Não tinhas tantos guerreiros,
 Tantos heróes altaneiros? —
 Nos teus sonhos agoureiros
 Não divisaste o penar?
 Nessa estatua, que fizeste,
 Algum mysterio não leste?
 Alguma vez não disseste
 Só eu — só eu sei amar?

Artista, — que negro fado!
 Ter tudo, — tudo lhe dado,
 Ter dia e noite passado
 Só a erguer-lhe um monumento! —

Um olhar... um doce bejo
Julgar de mais, de sobejo,
E neste ardente desejo
Quebrar tudo n'um momento ! ... —

III.

Que derão-te os astros, formosos vagando,
No azul firmamento clarões espargindo ?
Que derão-te as flôres pendidas de orvalho
Na terra plantadas, p'ra o ceu se-sorrindo ?

Que derão-te os cantos da lyra de amores
Na trova donosa do teu coração ?
Que derão-te as vozes dos anjos celestes
Prazeres cantando na etherea mansão ?

Conversas acaso co' as trevas espessas,
S'incostas a fronte na estatua mentida ?
Acaso conversas co'as azas de fogo
Da horrivel borrasca dos ares descida ?

Pedistes ás vagas as rugas do rosto ?
Ao silvo dos ventos o louco bramido ?
A luz do relampo pedistes acaso
A chamma potente no olhar incendido ?

O Deus de teus sonhos invocas, propheta,
Nas horas profundas de duro soffrer,
Si a alampada fraca no ar bruxolêa,
E a voz do silencio annuncia o morrer ?

Que prantos tão agros dos olhos te-cáem !

Que vida tão bella na terra vivida!
Existem acaso mulheres no mundo,
Que valham-te um dia chamar — minha vida? —

IV.

Os uivos da procella, o vento, a noite,
Flôres da terra e ceu, o firmamento,
Tudo, — tudo no mundo em teu tormento
Quero, Senhor, que só em ti se acoite;
Deus fadou-te um porvir inriquecido
Um destino sublime — atou-te ao Golgotha
De sangue inrubicado.

V.

Oh louco sonhador — que é de teus sonhos?!
Desvairado esculptor — onde tua fada?!
Nem talvez sobre a lousa, que esmagar-te,
A — verás do teu leito alevantada!

Quem sabe... — na ferrenha sepultura
Não cairão seus prantos de saudade...
Amores... pobre nauta, não lubrigas
Nuvem dourada e além a tempestade?...

em lyrios nem jasmins nem cravo ou rosa
Viçosos crescerão no teu jazigo;
Talvez nem venha o corvo solitario
Alta noite grasnar, fallar contigo!

VI.

Sonha, sonha. meu bardo; os dias passão,
— Corre a vida na terra;
O teu sonhar ninguem entende, ó vate,
— O paraíso encerra.

Sonha, meu bardo, que teu sonho é vida,
E é cedo p'ra morrer :
Inda te resta de absynthio amargo
Uma gotta a sorver.

Fallaste ao mundo, desdenhou-te os cantos ;
Déste-lhe um coração, não quiz affectos ;
Choraste e não valeram os teus prantos !
Qu' importa? — tens o sonho que t'embala,
O divino cinzel que talha o marmor ,
Que pela voz de Deus na terra falla,
Que a fragancia do ceu no mundo exhala.

Não pares de sonhar, — sonha meu bardo,
Sonha embora co' a morte :
No frio incosto um corpo, e além tua alma
Em fervido transporte.

VII.

Corria a noite ; — soluçando ao longe
Na branca arêa a vaga movediça
D'espaco a espaco solitaria e longa
S'escutava ao perdido e o pio agudo
D'ave da noite : — na azulada esphera
Ostentava-se a lua entre vapores,
Que os montes rebufavam.

E elle dormia a somno solto e mudo
Ao pé da estatua, que lhe-ri nas nuvens :
Seu rosto illuminado pelo genio
Talvez sentia o adejar da morte! —
E do astro saudoso a luz amiga,

Pelas janellas pallido enfiando,
Lhe-apontava p'ra o ceu....

VIII.

Veio um raio da tua esbranquiçada,
Na fronte lhe-poísou —
E depois ao voltar sua alma egregia
Com elle a Deus voou.

DESCRENÇA.



*¿ Que has feito, desgraçado, de tua vida?
Delirio d'alma — foi um sonho apenas
Que desmaia, que morre.*

*— Ai — tão cedo! — na lousa de um sepulchro
Não regado por lagrimas!...*

C.



Repoisemos minh'alma! — não ficou-te
De teu passado todo uma saudade:
Illudiram-te os sonhos; — na existencia
Só tiveste illusões — fumo ou vaidade.

Quizeste amigos, procuraste amores,
Mas quem ouviu-te as queixas desgraçadas? —
As estrellas do ceu, da tarde as sombras
— E as noites socegadas....

Sonhaste glórias, ambições tão bellas!
E o que te deram sonhos tão floridos? —
No cemiterio a flôr, na rosa espinhos
E lá nas campas ossos carcomidos...

E eu contigo descri! — no mundo ingrato
— O stigma na fronte — o fel no peito —
Irei deitar-me só na dura terra
No meu gelado leito.

Quanto soffri ! — quanto penei na vida ! —
Meu Deos! - meu Deos! - tú sabes qu'eu não minto!
Era dôr tão pungente, eram torturas,
Que inda me doem n'alma, que inda sinto !

E ninguem ha de a morte lamentar-me !
Sobre a lousa, que aos homens esconder-me,
Virá sómente a noite ave dos tumulos
Uma prece dizer-me.



O INFANTE.



*Il fut un temps, un temps d'ivresse
Où l'aurore qui vous caresse
Rayonnait sur mon beau printemps.*

V. HUGO.



Sempre. sempre a sorrir! — fogem-te os annos
Em ceu de amores, devassando encantos;
Fallando sonhas —
Aqui a linda flôr te-dá perfumes,
Ali a aurora te-surri nas nuvens,
Cantam as ayes. —

Tens no cristal do lago um liso espelho,
No firmamento azul a imagem tua,
No ceu teu berço;
Co' a estrella um riso vais trocar á noite,
E no correr veloz a borboleta
Vences audaz;

Teu pensamento é brisa bolicosa,
Que mansa adeja, — meiga vai beijando
As flôres todas —
Do passado não tens uma lembrança,
Nem — um cuidado no futuro ao menos,
Lindo o presente!

**Ai meus annos corridos não mais voltam! ...
Dai-me um dia, meu Deus, da infancia minha,
Um dia só! —
No ar a borboleta — a flôr no prado,
No lago meu baixel — nos labios riso,
Morrer depois!**

ENLEIO.



Quem pôde amar-te sem morrer de amores!

M. MONTEIRO.



Queres ver-me orgulhoso, — à par dos anjos,
Não querer thronos, desprezar corôas,
Ter um affecto — um só! — immenso, eterno?
Mulher dá-me um olhar!

Queres ver-me zombar de rijas penas,
De asperos ferros, de tortura acerba,
De negra perdição, de atroz castigo?
Mulher — dá-me um teu riso!

Queres ver-me no ceu — louco de amores,
Ver a meus pés o mundo em pó desfeito,
Ter um só Deus — um só — esse na terra?
Mulher — dá-me um só beijo!



AMOR.



*Celeste emanção, gratos effluvios
Das roseiras do ceu; bater macio
Das azas auri-brancas de algum anjo*

G. DIAS — Segundos Cantos.



Não creias, ó virgem, que grandes thesouros
Nos dão f'licidade:
É fumo — desfaz-se — nos ares se-perde
A humana vaidade:

Electrico olhar, um beijo de fada,
Perfume de rosa —
Estrella do céo — sorriso de um anjo
Em bocca mimosa;

Dois peitos unidos, que unidos palpitão,
As almas ligadas —
Um ai afogado, no rosto o pudór,
As mãos apertadas —

Nas sombras um raio de essencia divina,
Na relva uma flôr,
E os cantos sagrados de dois corações
Na lyra do amor....

§ 18 §

Que gosos! que gosos! — é a vida do Empyrio,
São raios do Eterno —
Só causão prazeres, não queimão — aquecem
Com fogo mui terço.



ACUCENA.



*Imagem della
Modesta flôr,
Tão linda e bella
Causas-me dôr.*

..



Açucena no prado nascida,
Como és bella, donosa, engraçada!
E bafeja-te a brisa querida
Em teus mimos de amor enleuada.

Quando eu vejo-te a linda brancura
Dessas faces de neve mimosa;
Quando vejo-te a doce tristura
No cair de uma tarde orvalhosa;

—Eu me — lembro d’Elvira e só della,
Como tu, ó florinha, innocente,
Como tu tão mimosa e tão bella,
Perfumando esta vida inclemente.

A candura do rosto nevado,
A meiguice dos olhos d’Elvira,
E a magia do riso encantado
E a lembrança que delle transpira;

Açucena gentil, eu diviso
Em ti só — em ti só — minha flôr;
— Oh ! poder que eu pudesse c'um riso
Enxertar-te uma esp'rança d'amor !

Hoje palida e triste enlangueces,
Ha-de a brisa beijar-te louquinha
E que importa? ! — de novo floreces
Quando a aurora surri-te, ó florinha.

E a mimosa outra vez viçará,
Hei de vê-la sorrindo formosa;
Mas Elvira não mais viverá
Nesta vida infeliz desditosa.

A PHTISICA.



*E as surdas magoas n'alma accumuladas
Que a vida toda inteira lhe partiam,
Dôr que d'um golpe tudo lhe matára
Nem elles a entendiam.*

(M. LEAL.)



E a orchestra sôa , — pelo ar se-expande
Em magico vozeio o som da musica,
E a voz dos échos repercute ao longe
E no vasto salão doideja a dança.

Virgem, — que pallidez te-inlutta as faces,
E o rosto te-descora ?
Porque um vislumbre só carmineo e vivo
Si quer não te-colora ?

Porque esses olhos espantados, baços,
E a voz estremecida ?
Na desbotada tez brilhão de morte,
Não reflexos de vida —

E ella valsa ! — descuidosa e louca
Não vê a sepultura ;
Cançado arfa seu peito , e a fronte cãc-lhe
Tão cheia de amargura !

Febril delirio lhe-estremece o corpo,
Passa-lhe a voz quebrada;
E sempre valsa em turbilhões involta
E quasi desmaiada! ...

Em desalento os braços já lhe-pendem,
A fronte lhe-descác;
Tem o aspecto da morte — eri-se — e folga;
Si quer não solta um ai!

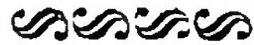
E ella valsa! — em turbilhões involta
Corre febricitante;
Que vale a vida! — uma illusão, um sonho,
E a morte n'um instante! ...

E valsa, e valsa! — fraca e abatida
Que força inda a-sustenta?
Mas já na infausta lida a pobre phtisica
Não póde — desalenta.

E após riso infernal.... — desse mysterio
Rompeu-se o negro véo;
E por terra cahiu, já não respira,
Vive, — mas é no ceu.

E a orchestra alegre, se-expandindo em festa,
Palpitante de amor ameiga os peitos,
E a voz dos échos repercute ao longe,
E no vasto salão volteia a dança;
Mas ella? ... na sua valsa evaporou-se
Como as nevuas da aurora, ou como um sonho
Lindo e fugaz ao despontar da vida.

O CREPUSCULO.



*Le soir, voici le soir, — Devant le crépuscule
La lumière affaiblie à chaque instant recule,
Le ciel perd sa couleur ;*

(TURQUETY.)



Em pardo véu
Desmaia o dia,
Respira o céu
Melancolia ;
— Já fulge bella
Perdida estrella.

A lua ergueu-se
Prateando o mar,
Desvaneceu-se
Aureo raiar,
Baixou fronteiro
O sol fagueiro.

Oh que momento ! —
Sonhos de amor...
Prazer... tormento...
Magoas e dôr...
— No peito encantos...
— Nos olhos prantos...

Tepida luz
Do sol morrente
Na triste cruz
Pousa dormente,
E a rama treme,
E a brisa geme.

Mal se-esvaece
Clarão diurno,
Mal apparece
Traço nocturno ;
— Do dia o incanto ,
— Da noite o pranto.

Ramal de prata
No floreo prado
A voz desata
Triste inluttado ,
E na ramagem
Se-enleia a aragem.

Oh que tristeza ! —
Terna se-veste
A natureza,
E o que ahí déste,
Senhor meu Deus,
É um terno adeus.

Um triste ai
Junctos soltemos,

Por nosso pai
Irmã rogamos:
— Também a aurora
Nas lousas chora.



OH POUPAI-M'A !



*Oh! laissez moi porter le fardeau de ses peines;
Mon Dieu, donnez le moi, que je l'unisse aux miennes:*

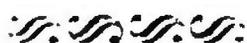
(TURQUETY.)



Oh! poupai-m'a, Senhor! — porque tão cedo
Dos annos no verdor murchar no exilio,
E ver sua alma sequiosa e jovem,
Da desgraça acurvada sobre o peso
Nos caminhos da vida?! —

Oh! poupai-m'a, Senhor! — lagrima triste
Como gotta d'orvalho crystalino
Na limpida pupilla lhe-extremece;
Dai-lhe alentos, meu Deus, dai-lhe esperanças.
Que sua alma remocem! —

Oh! poupai-m'a, Senhor! — deixai que ao menos
Seja meu fado o seu, choremos juntos,
Que minh'alma e a sua um todo formem,
Que seja a minha vida a vida della,
E meu peito seu peito!



DESEJOS.



*Ai infancia que tempo ditoso!
Que saudades tudo isto me traz!*

(X. CORDEIRO.)



Quem me-déra ser criança
Reviver tempo de outr'ora,
Não ter males como agora,
Ver no futuro uma aurora,
E no presente a esperança! —

Quem me-déra os doces beijos
Das virgens que me-beijavão,
Abraços que me-alegravão;
Quem me-déra o que me davão
Os meus voluveis desejos! —

Quem me-déra as travessuras
Da minha quadra passada,
E a carreira tresloucada,
E a vida tão esmaltada
De tanto amor e doçuras! —

Quem me-déra os contosinhos,
Que minha mãe me-contava,
As orações qu'eu rezava,
Que o velho pai me-insinava,
E seu affago e carinhos.

Oh que delicias tivera !
— Não conhecer outra idade,
Não saber o que é maldade,
Gózar sempre a f'licidade....
Senhor ! Senhor ! — quem me-déra !



A SYLPHIDE.



Ne viens pas! ne viens pas et garde .

Le rêve de ton cœur.

(THÉOPHILE GAUTIER.)



O' meu astro de fulgôres,

Minhas dôres

Donoso vem ameigar ;

Vem com sorrisos de archanjo,

O' meu anjo,

Meu triste fado mudar.

Não receies meus abraços,

— Que meus braços,

Temem tua alma assustar,

— Ou que em teus labios com bêjos

Meus desejos

Vã temeroso matar.

Si é tua patria o paraiso,

C'um sorriso

Vem pagar-me estes amores :

Ah já sei... — não queres vir,

Nem sorrir,

Porque immurchessem as flôres.

Não venhas pois — que hei de amar-te,
Idolatrar-te
Nas estrellas do horizonte,
Em meiga lua incantanda,
Na alvorada
No ceu, no crystal da fonte.



AO DIA 7 DE SETEMBRO



I.

Salve, rainha do mundo — ó liberdade!
Pela face da terra ovante marchas;
— Ora em combros de mortos te-enthronisas
De tresdobrada cota revestida;
— Ora leda e fagueira te-deslisas
Auroras apontando em ceus infindos;
Ribombos de canhões, gemer de balas,
Do gladio o faiscar, tombar de corpos
Entre hosannas de jubilo te-c'rôão —
E o furacão da polvora correndo
Varre mares de sangue, audaz braveja.

II.

O' terra de meu berço — ó minha Patria! —
Já teu sancto pendão ondêa ufano;
Viçosa a bracejar estende os ramos
Arvore sancta — praquejada outr'ora.
E o grito que entre nós inda rebôa
Nas azas do cantor librado veio
A terra de Cabral: — longo dormimos
Ferreo somno de opprobrio em leito escravo;
Mas o clarim da gloria despertou-nos,
E as cadêas que os pulsos roxeavão
A rôdo forão rastejar quebradas
Ao sonoro brado, excelso, ingente:
— Como o vapor da noite condensado

Que o ceu tolda, que obumbra, que ennegrece,
Se rarefaz, delgaça, ésvae, acaba.
A luz do sol broxuleando ao longe
Como pincar o agreste, o ar talhando,
A nivea agulha se derrete em breve
Pelo pendor do monte á escorregar-se,
Quando a prumo dardeja o rei dos astros :
— Somos homens emfim, temos futuro.

III.

Oh que magicos sons são-me n'alma !
Porque já tão sonora, harmoniosa
Não dedelhada sôa esta minh'harpa ?
Que sons me traz a brisa, que cicia,
O meneio da rama dobradiça ?
E a voz do sabiá? — que diz tudo isto ?

Neste dia magestoso
Luzente aurora brilhou,
E na entranha do inferno
Vossos ferros enterrou ;
O Cidadão denodado,
O Genio da liberdade,
O semi-Deus do Brazil,
Por fim deu-nos f'licidade.
Hoje ufano rutilou
O astro de nossa existencia,
Das nações a maga estrella,
A estrella da independencia.

IV.

Independencia ou morte! — é brado ingente
Que ainda estrondêa nas braziliás terras ;

Peregrino tristonho — ali sentado,
 Do valle á sombra não o escutas sempre
 Nas cavernas, nas grutas solitarias,
 Na cataracta audaz, sempre ínrugada,
 Que de altaneira rôca se despenha? —
 Não a escutas tambem no raio ao longe,
 Que rasga as nuvens que estoirando passa?
 Peregrino tristonho. — Ali nas rochas
 Vendo o mar que se embate furibundo,
 Negro ceu perlustrarem os relampagos,
 Ostentar a procella os seus furores,
 — Oh não ouves no abysmo revolvido,
 No esfomeado monstro, que aspergindo
 Nas curvas praias vem bramir morrendo
 Das ondas no ferver, rugindo o vento
 No ceu, na terra, na planicie e monte,
 Por toda a parte — Independencia ou Morte?

V.

O minha Patria, — ó fada de meus sonhos! —
 Quando meu corpo o frio do sepulchro
 Engoiar juncto a lousa de meu tumulo,
 Terei palmos de terra, que me abriguem,
 Terei um canto, onde meus restos poisem,
 A' sombra amiga d'arvore sagrada
 Da liberdade sancta.



A D. PEDRO.



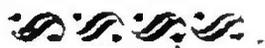
*Era o homem do povo.... lá da campa
Não ha de erguer o manto recamado
Para açoitar com elle a fronte humilde
Que entre orações o marmore lhe beija.*

(D. MARIA DA SILVA CANUTO.)



Caiu por terra o cedro, — ei-lo prostrado
No feio chão da morte! —
Já não peneira da arriscada grympa
O furacão do norte.
Quando se-escuta a bachanal irosa
Da horrivel tempestade,
Brandinha passa, — despertar receia
A excelsa magestade.
Dorme guerreiro sob um ceu grandioso,
— Lá teu nome fulgura;
Entre hosannas do jub'lo a fama tua
Não morreu — inda dura! —
Não manchada, soberba a liberdade
Lá ergueu-te um altar;
Lá de teus feitos sóa a voz eterna
No ceu, na terra e ar.
Só almejaste do soldado a c'róa,
O louro immarcessivel;
Sceptros — que valem para o Deus da guerra,
P'ra o soldado invencivel! ?

Generão balas, faiscarão gladios
Na vasta immensidade ;
Mas de tua espada só o audaz lampejo
Brilhou na eternidade :
Orchestra ! — quem a-teve tão sublime
Ao passar pelo mundo ?!
D'obuz o estrondo, o retintin das armas
E os ais do moribundo....
Como o rochedo estavel, onde bramão
As vagas com fragor,
— **I**mmovel sempre tú sentiste grande
Maguas, prazer e dôr ;
No baptismo do sangue e da desgraça
Teu coração ungiste ;
Olhaste para Deus, marcaste um dia
E para o ceu subiste !
Talvez ainda na campa ousado tentes
C'os vermes peléjar,
— **Q**uando teus bravos sobre a terra marchão
Dos canhões ao troar ! —
Dorme, guerreiro, dorme — assaz luctaste ! —
Na cama impoeirada ;
Nem plaustro d'ouro, nem corôa e sceptro,
Ficou-te só a espada ! ...



AVE DO CEU.



*C'est l'oisean,
Oisean triste et mystérieux,
Dont l'aile n'est jamais volage,
Et qui ne cherche que les cieux,*

(TURQUETY.)



Vi avezinha innocente,
Voando em nuvens doiradas,
Voluvel a descantar
Cantigas innamoradas.

Nas plumas alvi-nitentes
Não cambiavão mil côres;
Medrosa, alegre adejava,
Nunca poisava nas flôres.

Tinha um incanto supremo,
Que o proprio ceu inlejava;
Tinha uma alvura de neve
Que a propria neve cegava.

Quando a trança desgrenhada
Aurea manhã sacudia,
Perfumes ia pedir-lhe
Com requebros de harmonia.

Meigas tristezas da tarde,
Da noite a maga doçura,
Não lhe-roubavão prazeres,
Nem sua meiga ternura.

Velozes forão-se as horas,
O tempo fugaz passou,
E a avezinha tremendo
N'um ramo se-pendurou.

Ai que fado ! — a pobrezinha
A côr tão branca despiu,
E a plumagem de seda
Tambem por fim lhe caiu.

Agora que vale a tarde,
Agua e ceu e firmamento,
Si já não tem alegria,
Si não tem contentamento ! ? —

Si já não póde voar
Entre as nuvens de carmin,
Si o mundo cortou-lhe as azas
As azas de um seraphim ! ? —



OUTR'ORA.



*Era esse então o tempo da vigília,
Hoje convém dormir no esquecimento.*

(F. OCTAVIANO.)



Tive — é certo — Mulher, em outras éras
Um negro sonho só por ti doirado;
Em doido frenesi gastei minh'alma,
Entre o inferno e o ceu fui baloiçado;

— Então nas horas mortas do silencio
Comtigo em meus delirios vagueava
— E na sombria nuvem do crepusculo
Contrico a sancta imagem te-adorava;

— Então meus olhos no tremer das vagas
Teu aério contorno é que revião
E aos astros do ceu — te-erguendo um templo,
Sacros hymnos de amor por ti subião :

E o que me déste em troca de meus sonhos,
Da louca vida que por ti vivia,
De amor tamanho, — tão do ceu, — tão vasto,
De tanta magua que por ti soffria? ...

Nem ao menos um ai, — nem phrase ao menos
Nem um olhar — embora descuidado! ...
Sómente um frio rir — de escarneo cheio,
Sempre fingido, — sempre refalsado.....

Deus talvez te-puniu, cortou-te as azas,
não pudeste voar, baixaste ao mundo;
Inda é virgem teu corpo — mas tua alma...
— Oh teu somno, Mulher, não será fundo!



DEUS.



Toujours lui, — lui partont.
(V. HUGO.)



NO concavo rochedo o mar em iras
Convulsivo rebenta em florea espuma
— E além, innovellado rebramando
Na praia nua quebra;

De açafroadas nuvens despedido
Reboador tróvão estruge ao longe
— E a rouquejar nos échos affastados
De roldão immudece;

O astro ineffavel, a perdida estrella,
Bella vaguêa na azulada esphera,
D'espaco a espaco á intensa escuridade;
Temerosa rasgando;

O impinado rochedo austero e mudo,
— Titão adormecido entre as borrascas,
Na base pedestal sente ufanoso
Arquejarem as vagas;

Da margem o salgueiro, a voz das aves,
O choro do oceano imbravecido,
Da terra e ceu as harmonias sanctas
Se-abração susurrando;

— E o que nos diz tudo isto — e o que responde,
Nossa alma imbecida, a mente accesa,
E alado em preces o pensar altivo ?
— Por toda a parte Deus.



UM CRAVO.



*O que eu sentia
Não era amor.*



Pedi-lhe uma noite dansando com ella
Um cravo singelo que tinha na mão.

— Que eu amaria
Com devoção,
Que eu só traria
No coração.

Surrindo furtiva co' as faces em pejo
Não deu-me o seu cravo de vivo iucarnado ;

— Quiz antes vê-lo
Triste e murchado,
Sem côr, sem vida,
Todo esfolhado.

Passarão-se as horas, a turba escoou-se,
Com outras donzellas na sala fallei.

Amor assim
Passa — qu'eu sei ;
Pois no seu cravo
Não mais pensei.



CANTO DO CORSARIO.



Livre corramos sobre as ondas livres.

(A. GARRET.)



Eia, — avante, meu bravo corcel! —
Pinoteia nas ondas fogoso

E divaga

Sobre a vaga,

Que se-quebrã em teu dorso forinoso.

Tens aqui teu dominio querido,

Aqui brilha-te um manto de azul:

Sem — aqui

Te-surri

O sibilo risonho do sul.

Corres mais que o ginete da Arabia,

O falcão mais veloz não te-igualá :

— És potente

E valente,

Teu galope esses montes escalla.

Nossa patria é nos mares saudosos,

Nosso tecto a saphira a brilhar

E do vento

O lamento

Nosso amor, nossa vida e pensar,

Ferve a neve na cruta das vagas

Eia, —avante meu corcel! —

— Destimido

E garrido

Não receies fragueiro o parcel.

Eia, — solta essa crina nevada

Dos tufões ao zunido selvagem! —

— No oceano

Soberano

Vento e mares te-dão vassalagem.

Tu te-espantas... — recúas meu brayo! —

Eia, — ajuncta teus rinchos agudos

Lá nos ares

Sobre os mares

Do leão aos rugidos sanhudos!

Embalados ao som da tormenta,

Bem unidos aqui viveremos

— Té que a morte

Nos-transporte

Para o leito por onde correremos.



LAGRIMAS.



Esvaeceu-se! ... à sombra do sepulchro
Ella surri visão da madrugada;
Ella — candida flôr na verde relva
Pelas auras do ceu embalsamada.

Esvaeceu-se! ... e os salgueiraes do vale,
E as aragens do ermo, e o sol caindo,
E as nuvens peregrinas da alvorada
Inda um fagueiro olhar lh'estão pedindo...

Esvaeceu-se! e out'ora que mysterios
No altar do coração descortina-lhe!
Meu pensar, minha vida, meu futuro,
Oh! tantas, — tantas vezes entreguei-lhe.

Na vigilia — dormindo — em toda a parte
Só uma idéa ao mundo me prendia:
Era adoral-a, e sempre — e de joelhos,
Por ella — só por ella é qu'eu vivia!

Oh! que ardente paixão! que febre intensa!
Gloria que outr'ora fervido invejava,
Ambições que tão bellas se nutrião,
A' sós comigo em sonhos lhe votava!

Era um affecto immenso, unico, infindo:
Meu peito se alargava e o não continha:
Deus talvez o invejou! — era tão sancto!
Que amor do ceu, que amor do ceu qu'eu tinha!

**E os anjos m'a roubarão deste mundo
Me abandonando em lugubre orphandade ;
Na terra só me resta uma esperança ;
E della ? ... só ficou-me uma saudade :**



PORQUE O DUVIDAS?



Porque o duvidas, fada de meu sonho?
Ha quem não ame a rosa entre verdores,
O sol no occaso, a lua esmorecida,
De abril um arrebol, a luz dos astros,
A branca nuvem que se expande ao longe;
Ha quem não ame essa belleza de anjo,
— Quem não te ame ó virgem?

E folgas, — e não crês! — Feliz na terra
Embebes teu olhar no ether celeste;
Mas dize: valea brisa que murmura,
O halito de Deus em lago d'oiro,
O susurro d'aragem no cypreste,
E a voz divina o peccador remindo;
— Vale um ai de teus labios?

Escuta: — vês a flôr na primavera?
A alvorada a rocia, o sol a aquece;
Tens nos olhos um sol, n'alma rocio:
Tambem é flôr o peito do poeta;
Não a deixes myrrar fechada ao mundo;
Dá-lhe um amor do ceu — affecto immenso,
E que os archanjos na eternal morada
Invejem nossa dita.



MEU DESEJO.



A saphira tem estrellas ,
As aguas o nenuphar,
O ceu o sol a brilhar ,
Os prados o florejar ;
Só eu não tenho um sorriso
Para abrir-me um paraizo.

Um paraizo na terra ,
Doce vida que eu bebesse.
Que minh'alma a Deus prendesse ,
Por quem tudo eu esquecesse ;
Só eu não tenho donzella
P'ra viver, morrer por ella.

Dera-lhe affectos de um bardo.
Dera-lhe eterna paixão,
Ardente como um volcão,
Maior que o meu coração ;
Dera tudo que sonhei,
E o que lhe-déra não sei.

Infeliz ! que louco engano !
Surrindo entrei pelo mundo,
Scismei affecto profundo
De sanctidade tão fundo...
E a rosa que eu procurava,
Se a via, logo murchava.

Dizei-me, senhor, dizei-me
Si devo ainda esperar,
Si posso um anjo encontrar,
Com elle a vida findar ;
Si as esperanças mentirão
Nos tempos que me fugirão.

A saphira tem estrellas,
As aguas o nenuphar.
O ceu o sol a brilhar,
Os prados o florear ;
Tambem já tenho donzella
P'ra viver, morrer por ella.



AHASVERO E HERODIA.



*J'aime, et je veux sentir sur ma joue amaigrie
Ruisseler une source impossible à tarir.*

(ALFRED DE MUSSET.)



Ao lucido clarão da argantea lua
De resplendente nevoa rebuçados
Dous vultos sobre os polos assomárão,
— Ambos olhos no ceu — joelho em terra,
— De fadigosa lida ambos cançados:
Si fallarão não sei, — sei que nos mares
De baldões em baldões infrenes vagas
Raivando pelejárão — e se-ouvirão
Mysteriosas vozes nos abysmos
Fatidicas soando.



A MUSA.

Que som tão meigo pelos ares sôa
Sobre as azas diaphanas da aragem? —
Serão candidas vestes sobre—humanas.
Que aerias roção pelo veú mimoso
Da siderea morada? — amarga queixa
De ave extreme e singela sobre a espalda.

De verdejante monte? — desmaiados
Suspiros d'alma em horas de delirio
Ou és tú alaudó que suspiras
Por aziago soffrer acapellado? —

O ALAUDE.

Incantos já não possuo,
A terra todos quebrou,
O mundo me-invergonhou
— E o que eu dava não dou
Nos cantos que eu desfiria,
Na vida que então vivia.

A MUSA.

Não chores — que desponta a estrella d'alva,
Que passão auras, que esmorece a noite,
Que inda virgem o calix abre a rosa
E entre sorrisos desapertão flôres;
Não chores: — chega a hora dos prazeres,
Hora de inleivos que acalenta as maguas,
Hora amena e suave ao sol da vida! —
Não ouves? — lá nas faldas da montanha
O despenho sonoro da cascata,
O esvoaçar da viração da aurora
Sobre a folha gentil lanceolada
E o terno som do menear donoso
 Dos arbustos da incosta?!
Não ouves? ... — não? ... — na hervagem rociada
Pelos prantos da noite baga a baga

Um piso ethereo que resôa e morre,
 Como um ai affastado entre cavernas?
 Não vês agora? ... — além... — na ultima extrema
 Do escondido horisonte entre desmaios
 Baço clarão na roçagante purpura,
 Que vem rompendo e bruxolêa e corre?!
 Não vês? dize — não vês? — no cume altivo
 De alteroso rochedo a escorregar-se
 Alvacento vapor — e tão sumida
 A fôrma rara, que flutua em sombras,
 Da viuva noite na floresta espessa?! —
 Eia — cantemos pois, tuas cordas fallão;
 Eu sou tua alma; sim, em mim tu vives!
 Passei juncto à palmeira do deserto,
 Do val no fundo, no altaneiro pincaro,
 No marinho alcantil, nas bravas ondas
 Em cujas cavas roxêava a morte,
 Na guarita do bravo ao som da guerra,
 Entre as phalanges de inimigas hostes,
 Na masmorra do triste entre as cadêas
 Ou no pinaculo da ventura humana
 Comtigo sempre! ... — acompanhei-te, ingrato,
 Ao festivo banquete, ouvi sem medo
 O retinir dos copos, onde o vinho
 Refervia em bolhões de nivea espuma;
 Ouvi comtigo mergulhada em luzes
 A escassa nota de uma vez cançada
 Por curtas noites de voluptia longa,
 Que tremula susurra, afrouxa e morre;
 Tambem adormeci nos molles seios
 Mais alvos do que a vaga rebentando

De mulher, que a desleixo se-desbruça
 Em ricca seda cambiante e linda ;
 Vi donzellas comtigo a flôr dos annos
 Em agração murcharem, como plantas
 Nascidas com o dia e co'elle mortas,
 — Peitos que uma paixão curvou p'ra o tumulo,
 — Flôres que prematuras se-esfolhárão ;
 Vi comtigo a miseria, o vicio, o crime
 A virtude, a traição, o fingimento ;
 Na apostada carreira, em que tão cega
 Tentava pleitêar co' as vozes tuas,
 Eu fui mais do que esposa, eu fui tua escrava,
 — Favorita que á gozos tresloucados
 Curvava a fronte p'ra te-dar delicias ;
 Nas consumidas horas da vigilia
 Immagreci desfeita em mil carinhos,
 Da lampada nocturna á luz amiga,
 — Como poisado sempre em meigo arroubo,
 Amollecido no divan, que trême,
 Da georgiana gentil o fragil corpo.
 Eia — cantemos pois, eu sou alma ;
 Tu revives em mim, eu em ti vivo! —

O ALAUDE.

Que queres que eu cante, si as cordas qu'eu tenho
 Roufenhas e bambas nem já de oiro são,
 — Si as cordas de ferro, que o mundo deixou-me,
 Não fallão de amores ao teu coração ?

Que importão orvalhos, que toucão as nuvens
E os risos divinos, que o ceu ingrinalda
E o chilro das aves e o rio colleando
E o somno das brisas n'um veu d'esmeralda?

Que importa que pene, que gema, que chore,
Maldicta dos homens a simples donzella
E tudo que inleia, que mata de amores,
Que um mundo de fadas estranho revela?

Qu' importão lindezas do ceu e da terra,
Si o verme do tum'lo gelou-me a paixão,
Si as cordas de ferro não fallão ternuras,
Não fallão d'amores ao teu coração? —

Eu sei que a roupagem, que pallida trajas,
Fulgores celestes passando derramão;
Eu sei que teus labios, ó filha do Eterno,
A tudo que incontrão na vida embalsamão;

Eu sei que teus olhos immersos em fogo
Penetrão mysterios, fuzilão mil chammias;
Eu sei que essas tranças á noite imprestaste;
O' musa — dos homens eu sei a quem amas.

A MUSA.

E assim te-esqueces dessa curta vida
Arquejada em teus braços, no teu seio,
Onde acceso brazeiro descobria! —
Tu tambem insensivel! ... não te-lembras

— Quando a candeia, fraquejando a espaços,
 Reflectia em teu rosto macilento
 Clarão mortício? não te-lembras — dize,
 Quando a palpebra secca te-pesava,
 Dos longos beijos, dos abraços loucos,
 Que em alternar de gozos mutuamos?!
 E porque temes exhalar teus cantos?
 Eterno viverás, — ha de ser bello
 Morrer na terra pelo amor da gloria.

○ ALAUDE.

Amei-te ; sim, — contigo balancei-me
 Sobre as vagas do mar ;
 Respirei o silencio, amei os prados
 E a voz do teu penar.

Descantei o gemer da parda rola
 E o rio impetuoso
 E do bosque o arrepio e o som do vento
 Zunindo sonoro.

Pedi ao sol as refulgentes côres,
 Ao infante o sorriso,
 A' triste tarde as harmonias tristes,
 E ao lago o manso riso.

Da umbrosa selva no inredado seio
 Ergui meu braço a Deus ;
 Quiz em sonhos de gloria recamados
 Voar — poisar nos ceus.

Em nectarios jardins bebi sedento
Os perfumes da flôr ;
Ralei saudades — branquejou-me a esp'rança
Tive crença e amor.

Abraçado co' a cruz e a face em terra
Fallei de meu futuro ;
Mas nem si-quer nas sombras bemfazejo
Luziu-me um astro puro.

Pisada por meus pés seccou-se a relva
No socegado outeiro
— E adormeci no valle, ermando a mingua
Desvendado guerreiro.

No placido retiro alvorecei-me
Ao vozêar da fama ;
Mas vi sómente a ossada de um gigante
Em pedragosa cama.

Nos labios da donzella o rir gelou-se,
A sancta paz fugiu-lhe ;
No recatado peito algoz veneno
O mundo desparziu-lhe.

Eu vi nas pias aras debruçado
O assassino sanguento
E ditoso nos braços da ventura
O ricco famulento,

— O fulvo pó das sendas da existencia
De sangue inrubescido
Deturpada a virtude, ovante o vicio
E-oppresso e desvalido ;

No bulicio da festa ao som da musica
A roupa fulgurante,
E lá dentro só tédio, horror, negrura
E o ferrete infamante.

Quiz ainda esperar, orei constricto
No cemiterio pobre
E descrente passei — que a lousa muda
Arcanos mil incobre.

Quero agora o cypreste á noite escura
Esguio e solitario,
A jazida vedada a olhos d'homem
E o som do campanario ;

Quero o rude grasnar de ave agourenta
Na cornija do templo
E o muito padecer e a magua immensa
Sem termo e sem exemplo ;

Quero o mundo vestido pela morte
E do tumulo a pedra,
Um horisonte ardente, um ermo esteril
— Onde uma flór não medra ;

Quero phantasmas de praguento aspecto
No asylo lacrimal,
— Quero ouvi-los blasphemos sobre a terra
Com a voz sepulchral ;

Quero um serro battido por tormentas,
A rocha agreste e nua
E nem restia de sol, nem ao sumir-se
A feiticeira lua.

Amei-te ; sim — nadando em mar de gozos
Comtigo desvairéi ;
— Morto em teus braços revivi nos labios,
O que fiz já não sei :

Esse tempo correu, voarão sonhos,
— Na campa descancemos ;
Não corra um pranto só, com vil fraqueza
O peito não manchemos.

Descança — tú — que eu dormirei na campa
Da turba vã ignaro ;
— Troveje embora se-infechando ao longe,
Vivendo a preço caro.

Durmamos pois ! — a cruz solemne e muda
Na lousa se-erguerá ;
— Aqui o myrto — além a magnolia
A fronte elevará.

Musa — não intoemos triumphantes
Harmonioso-canto ;
A eternidade se-alça pavorosa
E o só jazigo sancto.

A MUSA.

Louco , — louco , teu fado desconheces,
Quebras teu sceptro, rei das melodias,
— E de metal forrando o largo peito,
Innanido e sem voz, fraco e tremente,
Teu sublime laurel rojas no abysmo ! ?

Louco, — louco, teu fado desconheces! ? —
 Deus ungiu-te na dôr, — quiz que na terra
 Na fragua do soffrêr te-acrysolasses,
 Colhesses aqui pranto, ali sorrisos,
 Estancasses o mal, dêsse alento
 Na patria ao infeliz, no mar ao nauta,
 Ao proscripto no exilio, — quiz sentar-te
 Sobre ruinas mil, sobre destroços,
 Qual arrojada grympa o ceu mostrando;
 — Collocou-te no meio de espinheiros,
 Como o sagrado cedro, — quiz na terra
 Ver-te correr — e sempre — e sobre urzes,
 Na aspera senda, no brazeiro acceso,
 No maninho deserto ao sol exposto,
 — Cantar a gloria, a virgindade, a honra,
 Inflorar á virtude hymnos sagrados,
 Punir o crime, graduar o merito,
 Maldizer a suberba — e torvo e ousado
 Intonar a cerviz ao vicio immundo.
 Qu' importa pois que a terra te-mentisse,
 Que fosse ingano o qu'esperavas tanto?
 Qu' importa? — terás tudo de minh'alma;
 — Co' a luz remoçadora de meus sonhos
 Acclararei as trevas de tua vida;
 Eu sou tudo, alaude, ufana vivo;
 Só ante a face eterna a fronte curvo,
 Escuta pois — e tu verás si eu minto.

O MAR.

Sus! — erguei-vos. procella cruenta!

Sus! — erguei-vos, ó vagas do mar!
Sus! — que os homens me-querem roubar
O que a gloria me-alenta!

Canta, ó Musa, que a voz te-rouqueja,
Qual do vento o selvagem soido,
Que o mysterio que tens no rugido
É do mar que braveja!

Canta, ó musa, que és meiga e suave,
Como a onda na praia expirando
E no aneio do peito offegando
És o canto de uma ave!

Tu não temes o riso do mundo;
— Dessa grita feroz não has medo,
Qual das vagas do mar o rochedo
Em seu leito profundo.

Praz-te ao longe o marulho das aguas
Soluçando;
Praz-te o negro escarceo no Oceano
Rebentando;

E das ondas na cruta azulada
Tu te-embalas,
— E nas azas do rijo tufão
Torva fallas.

Quem na terra teus cantos sublimes
— Oh não ama?!
Quem nas horas doridas da vida
Não te-chama?!

A TERRA.

Dei-te o bulir dos arbustos ,
O estremecer da ramagem
E o benefico fayonio
Chiando pela folhagem;

Dei-te no labio fervente
Meigos aromas da rosa ;
Dei-te a brancura do lyrio
Nessa face melindrosa ;

Dei-te mais, — na fronte altiva
O polido do marfim
E na corôa virente
As flôres do meu jardim ;

Dei-te um docel de verdores ,
Que do sol te-resguardasse
E a grympa nua , impinada,
Onde o Senhor te-fallasse ;

Das aves dei-te o gorgoio
Para a vida te-incantar
E dei-te o orvalho das plantas
Para as dôres te-abrandar.

Eras tu minha ventura,
Eras tu minha harmonia
— A visão que eu adorava,
— A fada que eu mais queria.

O CEU.

Não dei-te; ó musa bella,
Os risos incantados
Das nuvens mais purpureas,
Dos dias mais doirados?

Não dei-te acaso a noite
Com veu d'ouro estrellado
E campo azul e claro,
De pedras esmaltado?

Não dei-te vaporosa,
Tão casta e meiga, a lua
E seu retratto fulgido
Na areia lisa e nua?

Não dei-te o manto pardo
Da tarde harmoniosa
E os timidos receios
De branda luz donosa?

Não dei-te rescendente
A myrrha em meu thuribulo
— Sagrada como o incenso
De um templo no vestibulo?

Não dei-te o sol, surgindo
na extrema do horisonte,
Co' a trança d'ouro fino,
De inleivos doce fonte?

não dei-te os incendidos
Rubys da alegre aurora
E o manto adamantino
Da noite encantadora?

Não dei-te os seraphins,
Que ledos me-infeitavão
E o meu throno de luzes
Que amores semeavão?

A MUSA.

Tudo me dérão, tudo, — aqui sou triste
Como a noite sombria, — ali risonha
Como o rosto do dia afogueado;
Tenho a voz do trovão, do mar os brados;
Tenho meiguices, que me deu a aragem
E me-insinárão arv'res o perfume;
— Luz-me na fronte florida corôa.
Impavida caminho sobre a terra,
Como o guerreiro das antigas eras
E compungida nos sepulchros óro,
Como o peregrinante na Thebaida
Ou o que procura os muros de Granada:
Eia, — marchemos pois unidos sempre! —
Nos inramados cantos susurremos
A historia do passado — e no futuro
Soletremos a gloria, que ha-de de vir-nos!



Trovejarão os échos das montanhas,
As cavernas do mar estremecerão,

Sumiu-se a luz do dia, — em veu de trevas
Sulphuroso corisco expreguiçou-se.
E a pós? — quem attentasse no horisonte,
Veria duas sombras fugitivas,
Que rareavão sempre até sumir-se
Nos confins do occidente, e que ligavão
A terra e o ceu, o mar e o firmamento.



A MORTE PREMATURA

DO ILM. SR. J. ANTONIO. PINTO PEIXOTO.



*Nasceu como uma aurora apavonada
Ao som dos hymnos matinaes das aves,
Rutilou como o sol ao meio-dia,
Cahiu como crepusculo sombrio.*

(MAGALHÃES.)



Onde a luz do cometa sanguinoso
À surgir n'orizonte auri-purpureo?
Brilhava o nucleo seu; — ignea melena
O firmamento pavidó alastrava! —
E foi tão curto o perpassar d'espanto,
E correu... chamejou... e além sumio-se! ...
— Foi pompa seu nascer, lutto sua queda:
Não foge mais veloz relampo ethereo,
O negrume do ceu rompendo á custo;
Nem metheoro de luz, sulcando as trevas,
Que lá se-enterra na balisa extrema
Do ennegrecido oriente, e ali soberbo
Grandioso ao morrer no mar se-apaga.

Lá se-perdeu... lá se-perdeu n'occaso....
Mas inda lá ficou listrão de fogo,
Que o correr deslumbrante ufano attesta:
Saudei-o quando a aurora bafejou-o,
Hoje o-pranteio porque a noite o-cobre
Com veu ferruginoso.

Podesse eu balouçar-me nesses astros,
A extrema divisar onde estacaste,
N'um paramo de luz beber alentos !!!

Morreu — morreu tão cedo! — a morte impia
No amanhecer da vida tão donosa
Furibunda surriu, quebrou-lhe o incanto!
— Mancebo que a esperança inriquecia
Tão cedo morto no verdor dos annos! ...
Nos labios d'ouro borbuhlava o genio,
Os vivos olhos fuzilavão raios,
Na mascula cabeça refervia
Altaneiro pensar, idéas ardidias,
— Como em larga cratera ondas de fogo;
Em sua frente o talento erguia um throno,
Tinha um sorriso á descobrir ingenho,
No rosto agitação, na voz prestigio...
— Tudo a morte roubou! ...

Era uma flôr d'aromas perfumada,
Rorejava-lhe o orvalho matutino,
Em torno della esvoaçavão brisas
— Á infeitiçar d'amores;
Mas o pegão da noite debruçou-a,
A aza do bulcão crestou-lhe o viço,
As graças lhe-turpou halito infecto;
Ei-la esmyrrada e secca!

Era um sol, que doirava as bronzeas grympas
Das encimadas rochas magestosas,
Assombrado clarão vertendo ao longe,
Saudado pelas aves;

Flamejou a procella : — os ócos raios
Das trovejadas nuvens estoirão ;
E o sol apenas nado — e já tão bello
Sepultou-se n'oceano !

Affecto de minh'alma — ó meu amigo !
Hoje é duro teu leito — é terra apenas !
Tepido pranto de offegante peito
Em vão por ti soluça , em vão te-chama :
O marmor do sepulchro immoto é sempre ,
Nem a lagrima quente da saudade
Derrete o gelo que te-esfria o corpo,
Nem desmaia os setins d'austera morte :
— Sella o mysterio a lapida do tumulo,
E o martyrio da vida é sempre um sonho
De illusões branqueado !

Ahi nesse arraial onde te-acampas,
— Onde frios cadav'res se-amontoão,
E roem podres carnes rubros vermes,
— Horrída escuridão ergue o seu throno ;
— Ahi reina o silencio — rei das trevas,
A transição talvez solemnisando,
Que abre lucida senda á insana lida,
Desfeita esta chrisalida terrestre :
Nem lisongeiro engano nos embala,
Como a vaga do mar baixel sem rumo,
Como a folha boiando em veia argentea,
Que rapida se-escôa entre fragedos.

Oh ! quem me déra ao menos um instante

Ser da saudade o astro merencorio!
Eu viria côm luz internecida
A lagem fria pratear do tumulo,
Enfiar o mais brando de meus raios
Pelas ogivas de teu mudo templo,
E pairar sobre a lonsa que te-cobre!

Mas já não valem ais — baldos gemidos
na pedra tumular em vão se-esbarrão! —
Já teu corpo é da terra, que te-involve,
É tua alma do ceu — e só teu nome
Em pagina doirada ha de inscrever-se! —
Elle só nos-ficou — nada mais resta...

Falle agora a verdade:

Era immenso teu brilho para os homens,
Cegava os olhos, deslumbrava as vistas;
Quiz Deos levar-te p'ra mansão etheraa,
E á teu perfume — ó flôr jó deotada,
Festivaes seraphins ajuntão halitos
Lá n'estancia suprema! —

Esperança, candura e mocidade
Forão tão cedo rebolcar na campa;
A rosa inda tão bella ao desbrochar-se
Em donosa alvorada se-ha murchado! ...
O lyrío melindroso não tão lindo
No deserto educado — e filho delle,
Requeimado ao ardôr de um sol de fogo,
Mais breve não inclina a langue face
P'ra morrer desmaiado e murcho e secco
Em seu ermo torrado!!!

E eu não pude si-quer, meu sancto amigo,
Mesclar a um ai de morte um ai de vida,
E eu não pude nas vascas d'agonia
Dizer-te um triste adeus — molhado embora
No fel d'angustia amarga, — extremo abraço
Da vida ao despedir choroso dar-te! —
Oh! que importa? — teu corpo a pedra occulta;
Tenho tua voz que falla-me constante,
Como no infindo espaço aerea nota,
Tenho teu rosto retratado em sonhos,
E vejo-te no ceu.

Ai que futuro lindo a morte esmaga!
Ai que triste acordar de um ledó sonho!
Quanto riso de mãi trocou-se em pranto!! ...
Quanta alegria converteu-se em maguas!! ...
Quanta esperança transmutou-se em dôres!! ...
Desmedido gigante elle assombrava
N'aurora de sua vida; — e foi tão breve
A lousa do sepulchro sotterra-lo
No lobrego jazigo! — oh que mysterios
Um sarcophago encerra!



A MINHA FADA.



*.... Tout cela me révéla d'avance
Ce que serait la vie et la mort dans tes bras.*

(CHARLES CASTELLON.)



Flôr nascida no ceu — cresceu na terra
Orvalhada de prantos,
Triste desabrochou — triste inda vive
No deserto do mundo ;
Teme lindo arrebol ; — tem muito brilho ,
Tem luzimento e gallas ;
Teme o sol ao nascer ; — seus raios queimam,
É seu calor intenso.
E já tão bella assim — inda é mais bella :
— Apparição celeste ,
Sonhar elyseo na manhã da vida ,
Imagem sublimada
De seraphins perdidos, que vaguêo
No alcaçar do Senhor,
Melindroso botão, sorrir de archanjos
Nos eternos jardins
Ou phantastica fórma, que se-escôa
Melancolica e terna
Por sobre nevoas, que rarejão brisas.



OH QUEM OUVIU-TE !



*Eu nunca vi,
Mulher assi.*

(SERPA PIMENTEL.)



Oh quem ouviu-te descuidosa e terna,
Vertendo amor em celica doçura,
— Ou pensativa descantando affectos
Em sonho elyseo, em magica ternura ;

Oh quem ouviu-te á devassar arcanos
De infinito sentir, sentir do ceu,
— Ou de joelhos — incoberta a face
De transparente veu ;

Oh quem no arroubo de febril delirio
Viu-te a marmorea face impallecida
E o vestigio da lagrima traidora
Carpir sonho fallaz , descrêr da vida ;

Oh quem á noite, as mãos á Deus erguendo
Contemplou-te nas aras do Senhor
A prantear sósinha e merencoria
— Talvez perdido amor....

Só tem um sonho de celeste essencia,
Só tem uma lembrança, um pensamento,
Na terra uma só voz, um som no Emphyreo,
No peito um peso, n'alma um só tormento !



UN GEMIDO.



..... *Concertos destes*
Só se-podem ouvir co' a face em terra.
(M. LEAL.)



Estende a noite as negrejantes azas
A terra escurecendo ;
— Morreu o sol nas grutas do oceano,
E o mar está gemendo :

Só a espaços a vaga se-expreguiça
Na praia lisa e núa ;
Nas espumeas golphadas fugitivo
Brilha o clarão da lua.

— Além scintilla o astro das saudades
Em campo de saphira ;
Só a voz da soidão ergue o seu brado,
— Só a brisa suspira.

Alvacento clarão prateia ao longe
As grympas alterosas, —
E o gigante dormita, — e não escuta
As hafagens mim osas —

—Que bello quadro! —que tristeza amena! —
— Tudo, tudo inebria :
— Na terra este silencio que apaixonava
No ceu maga poezia....

Quem nestas curtas horas tão ditosas
 — De tão funda tristura,
 — Oh quem não chora no correr dos tempos
 O que já foi ventura?! —

Quem não lamenta já passada e murcha
 Uma illusão perdida,
 E não vê no futuro entre seus prantos
 Donosa flôr querida?!

Eu que sem tiño vago pelo mundo
 Sem gloria e sem prazer;
 Eu que penei os annos devolvidos
 Sempre, — sempre a descrêr;

Eu que no exilio um'alma irmã da minha
 Siquer não incontrei;
 Quero erguer ao Senhor um hymno sancto
 — Com quem eu só me-achei:

Quero tambem chorar sobre esta terra
 Onde poisa meu Pai
 E mixturar ao murmurar das vagas
 Tambem um triste ai.



PRANTO FRATERNO.



*Anjo do Ceu fugido, ao Ceu voltaste !
Alma ditosa e pura !
Em troca do desterro houveste a patria,
Patria que eterna dura.
(D. JOSÉ DE LANCASTRE.)*



Rosa do Ceu , — quem te-ha roubado aromas ?
Quem o virgineo calix melindroso
Sobre a terra vergou-te ? — porque cedo
Pobre infeliz, as petalas esmyrradas
Languida e murcha, descaindo a fronte,
Semêaste no pó ?

Era tão bella ! — as brisas feiticeiras
De leve temerosas lhe-beijavão :
Raios brandos do sol cadente e fraco
A côr da linda face lhe-animavão.

Era tão bella ! — os finos diamantes
A segredeira noite lhe-intornava,
— Sempre sorrindo.... sempre ! — descuidosa
Nô triste definhar nunca pensava !

Meu Deus , — era tão bella ! — onde encontra-la
A rainha do valle, a flôr mimosa,
O seraphim que a terra me-incantava,
A minha linda flôr, a minha rosa ? —

Oh tu dormes, minha irmã,
Rompeste o terrestre veu;
Não eras rosa da terra,
Fôste viçar lá no Ceu!

Não ouves tu meus gemidos,
De minha dôr os accentos?
— Mas tu dormes, não escutas
Deste mundo os yãos lamentos.

Não ouves tu minhas preces
Neste exilio desgraçado?
— Mas tu dormes, não escutas
O meu rogo ajoelhado.

Não ouves tu meus suspiros
Nos labios meus susurrar?
— Mas tu dormes, já não podes
Meus suspiros escutar:

— Mas tu só dormes no tumulto,
Juncto a Deus já reviveste,
Os anjos te-cantão hymnos,
Só p'ra o mundo tu morreste.

A UM JOVEM POETA.



*Volez, anje de poésie,
Deployez vos ailes de feu :*

(DELPHINE GAY.)



Estrella d'alva que surris na aurora,
Alma do Empyreo que afinarão anjos,
— Onde o cantar do Ceu, onde o-bebeste?
Roubaste á brisa o murmurar saudoso,
D'harpa do Elyseo a magica doçura,
Em noite amena ao rouxinol dos valles
O requebro de amor? — essa alma ardente
Fê-la Deus como o sol, do sol nascida;
Nella o fogo do genio á jorros salta;
Nella burbulhão lavas incendidas,
Como a golfar mil chammas a cratera;
Nella a paixão requinta de magia
E a dôr tem fallas e o prazer surrisos
E a voz incanto ignoto! —

Poeta, — é teu condão cantar no mundo
E sonhar... — e sonhar;
Passarás como o cysne em lago de oiro
Nas aguas a boiar!

Ave consona, — tens as azas candidas
Como as azas de um anjo :

A vida é negra ; mas qu' importão males
Si és na terrã um archanjo ? —

Ri-te na mente um mundo predilecto ,
— O teu Eden vedado ;
Vição as flôres, faz-se verde o campo
É o ceu azulado ;

Mas amanhã — quem sabe ? — os sonhos passão,
A flôr é já murchada ,
Opaco o ceu, a hervagem resequida
E a lousa alevantada.

Poeta, — é teu condão cantar no mundo,
Deus fadou-te ao nascer ;
Passarás como o cysne em lago d'ouro
Cantando até morrer !

Eia ! — carreira infinda se te-abre ,
A gloria ao longe entre laureis te-chama,
Os rios correm, as estrellas brilhão ,
O ceu vivo se arreia, as aves trinão ;
Tens um ninho nos astros ; — eia, vóa !



PRIMEIRO AMOR.



*Ou retrouver surtout la grâce tant pleurée
De ce premier réveil du cœur ?*

(TURQUETY.)



Erão amores singelos
Os amores qu' eu lhe-tinha,
— Até vencião os risos
De sua rosea boquinha.

Erão amores sonhados
Nas varzeas do meu paiz.
Onde a relva é tão viçosa,
Onde o viver é feliz.

Erão amores nascidos
Na minha terra querida,
— Quando os sonhos erão sonhos
E eu dormia nesta vida :

Gozei-os juncto da fonte
Que terna remancêava ;
Gozei-os a flôr dos annos
Que minha mãe perfumava ;

Gozei-os em florea senda
Sempre a rir. sempre saltando :
Gozei-os sempre feliz
Sempre ditoso e sonhando.

Nos curtos labios o jambo
Seus perfumes exhalava,
— Tão doce como o cajú
Tinha um beijar que matava ;

Tinha o pé tão melindroso,
Como as flôres do araçá ;
A mãosinha delicada....
Oh quem na terra o dirá?!

A voz... — a voz?!... — era meiga
Maviosa e feiticeira ;
— Nem aves da minha terra
A' sombra da bananeira :

Meu Deus! meu Deus! —oh qu' amores
Os amores que me tinha! —
Erão os vôos primeiros
De sua alva innocentinha ;

Erão amores nascidos
Nas varzeas do meu patz,
Tão bellos... —que a mão do tempo
Que mais durassem não quiz.



O BARDO.



Acima delle Deus, Deus tão sómente.

(MAGALHÃES.)



I.

Canta, ó bardo! —és o rei das melodias,
Da lyra universal repetes hymnos,
Falla-te Deus nos labios ;
Em pego de harmonia a voz dos anjos
Se-balouça, se-immmerge, se-confunde
Com tua voz de propheta ;
No ceu decifras teu destino excelso,
Invios mysterios lês na linda pagina
Que o mundo te-apresenta :
Cada murmurio, que na terra sôa,
Tem na tua harpa uma brandinha corda,
Que triste rumoreja ;
Cada efflúvio do ceu em myrrha involto
Vem perfumar-te os cantos melancholicos,
Humedecer-te a lyra ;
Co' a luminosa fronte ovante marchas.
Do feio mundo as condensadas trevas
Esteirando de luz ;
Teu peito é uma cratera chammejante,
Que inflammada golfeja ardentes lavas,
Ferve, estremece, arqueja ;

— O dedo do Senhor marcou-te a fronte ;
São tuas idéas altas, como as vagas
Que no mar se-incastellão ;

Predizes quedas de tyrannos monstros,
Choras sobre desfeitos diademãs,
Despedaçados sceptros —

Teu cantar afugenta o vicio immundo,
Infia a inveja amarellenta e magra
Atropella a maldade.

O torvo olhar do despota sanhudo,
Si o sobre-senho franze, não te-assusta :
Elle cae , — mas tu ficas ;

Tua magestade nunca despárece ,
Só póde dál-a Deus, só Deus a-tira ;
Teu throno é a eternidade.

— Aqui limpas o pranto, que desliza
D'olhos pisados pelas faces murchas,
Aradas pelo tempo ;

— Acolá dás o pão de negra azima
Amassado com pranto entre suspiros
Ao rachitico nu.

II.

Poeta , — quem fez-te tão grande na terra
Mais alto que o Athlas, que aos montes atterra
— Erguido,
Subido

No meio da vaga, que os mundos encerra ?

Quem deu-te essa lyra por Deus afinada

Mais doce qu' uma ave dos vãos cançada,
— Chorando,
Cantando
A' sombra da rocha nos valles sentada ?

Oh quem és tu gigante,
Que avante
Soffrendo consolas ao triste mesquinho ? !

Oh quem és tu sob'rano,
Que humano
Tão valido segues teu arduo caminho

És poeta, és o rei dos da terra ;
— Teu poder quasi iguala ao do Ceu,
Os mysterios, que n'alma te-morão,
Ninguem pôde romper-lhes o veu.

III.

Qu' importa a prisão a Tasso,
A Byron seu triste fado
E a esqualida penuria
De Camões desventurado ! ?

Pôde a mãe descaravel
Seu triste filho ingeitar ;
Mas nem a morte avarenta
Pôde a vida lhe-roubar:

É immortal, — vive eterno
O cysne no seu gorgeio
Morre, — fica na terra
De sua alma o triste aneio.

E qu' importa um moimento,
Lindo sepulchro luzido,
Si do grão cantor do Gama
Tambem o corpo é roido?

O mundo é vasto — seu nome
Inda mais vasto que o mundo;
O oceano de seus feitos
Não se-mede, não tem fundo; —

No trovejar dos canhões
Virentes louros colheu
E no templo da memoria
Sua memoria escreveu ;

— Que valem pois negros males,
Sua miseria e tormento,
Si teve lyra e espada,
Teve ricco pensamento ;

Si das ondas berradoras,
Rugindo o vento raivoso,
A' noite solta seu nome
O Adamastor suberboso ;

Si da ilha dos amores
As nymphas intrestecidas
Seu cantor já morto chorão
Com suas vozes carpidas? ! —

E qu' importa ao bardo eximio,
Que mostrou tão denodado
Como um vate sonoro
Póde ser fiel soldado ;

— Qu' importa o riso do mundo,
O amargoso fel sorvido,
Ter neste exilio profano
De tudo, tudo descrido ;

Si era Achilles com seu gladio,
Si era Homero com sua lyra,
Si não ha peito no mundo
A quem teu canto não fira ;

Si teve o mar, que afagou-lhe,
Da tempestade o rugido
E dos freneticos ventos
O satânico ruido ;

Si lhe-restava inda o ceu
De mil côres matizado
E o gigante da guerra
De horrores todo escoltado ;

Si lá nos campos da Grecia
Pela sancta liberdade
Foi pedir c'róa immurchavel
A' sancta posteridade ?!

Cantor de Armida e Clorinda
Em masmorra definhavas
E entre negras paredes
Negros sonhos tu sonhavas.

Pobre Duqueza ! — teu nome
Si inda vive nesta terra ,
É porque da Italia o bardo
Lembranças grandes incerra :

Teve olhos para amar-te ,
— Queria-o cego a paixão ;
Deu-te a ti preclara fama
Em troca de uma prisão.

IV.

Quando zoando os vagalhões cruzados
Em furia apremão intractavel fraga,
Se-alão , sobem , se-acimão e topetão
Co' o firmamento turbido;

Quando o bulcão co' as azas côr do inferno,
Frenetico varrendo o mar immenso,
Pavoroso estremece — e o raio estoira ,
A morte vomitando ;

Quando o relampo tremebundo fulge
Em ferreo ceu, que a noite intenebrece
E os sibilantes eurus assobião
Rebentando coriscos ;

Quando a melena da floresta annosa,
Ardendo a crepitar, o vento zurze

E horrivel boqueirão na terra aberto
 Os velhos troncos sorve ;
 Quando o leão do Oceano esfomeado
 Co' o rugido infernal terror saccode
 E co' a juba ouriçada açoita as nuvens,
 Atordoando os ares ;
 — Porque a altaneira fronte assim tu curvas,
 Porque no humilde pó teus labios collas? —
 É que o braço de Deus ergueu-se em ira,
 — Com devoção o-escutas
 E á seus dictames repetir aprendes.

V.

Apraz-te a falla do vento,
 As azas da tempestade ;
 Apraz-te o chão pardacento,
 Nas sombras escuridade,
 Da sepultura a mudez
 E os primores que Deus fez ;

Apraz-te a vaga do mar,
 Rubra serpente de enxofre
 O negro ceu á rasgava ;
 Apraz-te ver lá de chofre
 Abraçar-se o ceu e o monte
 Os mares e o horisonte.

Sobre o cimo da montanha
 Conversas a solidão
 — E tens uma alma tamanha. . . .
 Como el'a teu coração:

Nas vozes do cemiterio
 Tu lês da morte o mysterio.

Interrogas a honina
 Secea e murcha e recurvada
 E na liquida campina
 Do furacão a lufada;
 Tu dizes: — tenho aqui templo
 E o infinito contemplo.

Arfando, — co' a fronte em pó
 Sobre comidos bastiões,
 — Orac'lo de pé e só,
 Acordas as gerações;
 Intendes a cataracta
 Que da rocha se-desata.

Deus sobre a terra creou-te,
 Como o sol no firmamento
 E só a ti, — só fadou-te
 Acre dôr, acre tormento:
 — Dando-te as penas do inferno,
 Como elle te-fez eterno.

IV.

Oh não trepides, não — filho do Eterno,
 És tambem Deus! — segue-te ao longe uivando
 A rija ventania, o audaz ribombo
 Do mar que ullula, turvelinha e morre;
 Saúda-te o bulcão audacioso
 E o rochedo brunido pelos annos.
 É a gloria; — qu' importão esses gritos

De aves do Ceu , do corvo do sepulchro ? !
É mais bella tua voz entre as procellas,
Como entre mil trovões o grito d'aguia ;
 És um novo Moysés , ouvir-te faze
 No teu novo Sinai entre relampos.

Si o vicio co' a virtude aqui se-íntesta ,
 Si tudo n'um prostib'lo se-profana,
 Si a vereda da vida é bronca e rispida
 E barrancoso o trilho e negra a senda ,
 Si no riso da infamia o fel da affronta
 Cospem os vis no lodo amalgamados,
 — Oh não prantêas, não — rei de harmonias
 N'alma tens teu consolo ! —

VII.

Farfalha a viração — a ave da roca
 Passando solta guinchos ;
 Sumiu-se a lua em ténebras sombrias,
 Em tolde de vapores :
 — E o que ficou do mar na vitrea face ?
 Reflexo prateado ;
 Cantor, cantor — repara, é teu destino ;
 Só teu canto e o mais ? o mais sonhado !

VIII.

Poeta — intona o collo , ergue-te altivo ,
 Sobem a Deus os teus sagrados cantos ;
 A bençãam do Senhor ungiu-te n'alma,
 Dãq teus labios prazer, teus olhos prantos.

Plantarão-te na terra da desgraça,
Como casta florinha n'um penedo ;
És perola perdida entre o granizo
Em tenebrosa noite n'um rochedo.

A planura e jardins, montanha e valles,
Sacerdote de outr'ora — eis teu altar !
Os uivos da procella vem nos nervos
De tua harpa sonora roncêar.

És arroio de luz de sacra origem,
Sulcando a cerração, que obumbra a terra ;
És o cofre onde lagrimas se-vertem,
Sacratio de affeições que bens encerra.



SABES O QUE EU AMEI ?



*Amei tudo que era della ,
Amei tudo que ella tinha.*

(CYSTELLO BRANCO.)



Sabes o que eu amei ? — forão teus olhos,
Teus lindos olhos onde amor brincava,
Onde á furto surria um pejo edenico,
Onde a vida eu bebi que me-mátava.

Sabes o que eu amei ? — forão os sustos,
Que as vezes sem ter culpa te-movião ;
Forão os sobresaltos, que na terra
Tuas mãosinhas de neve estremecião ;

Forão teus puros labios, minha virgem,
Quando increspavão ondas de carmim
— Ou quando á medo te-pedindo um beijo
Me-dízias um não, jámais um sim.

Sabes o que eu amei ? — foi esse rosto,
Reflexo d'alma, espelho de candura ,
Unico ceu que a vista me prendia ,
Meu sublime sonhar, minha ventura.

Sabes o que amei ? — forão as tranças,
Os tão negros anneis de teus cabellos
— Que eu déra a eternidade por beijal-os,
E praguejará a Deus por sempre vél-os.

O que amei tu o-sabes, ó donzella! —
Foi teu sublime divinal composto;
Forão teus labios, teu olhar, teu gesto;
Foi tudo que era teu — tua alma e rosto.



OS PHANTASMAS.



*Chantons Io, Péan! Mais quelle est cette femme
Si pâle sous son voile? Ah! c'est toi, veille infame,
Je vois ton crâne ras;
Je vois tes grands yeux crux, prostituée immonde,
Courtisane éternelle environnant le monde
Avec tes maigres bras!*

(LA COMÉDIE DE LA MORT.)



I.

Caiu a noite — merencoria a lua
No chão do cemiterio ingasta a face,
Argentino clarão lançando a espaços;
Esfuzião as brisas — e o cypreste
Sobre a cinerea urna embala a rainha:
Porém que voz sentida ao longe sôa,
Soturna, aguda, que se alonga.... alonga
— E lá no espaço morre? — é o corvo — eil-o!
Suspenso nos salgueiros de um sepulchro
Conversa aos mortos e surri da vida!
E aquelle astro donoso e fulgurante,
Que em nebulosa copa agora some-se,
Onde brilha o reflexo prateado?
È sobre os goivos, que da morte o bafo
Gelido requeimou? — é sobre as campas,
Cimerco antro onde se-escondem vermes?
Oh que murmurio é este fugitivo,

Que no passar roçou-me nos ouvidos ?
 Donde partiu ? oh donde ? ! eil-o que volta
 Frio, tão frio como a voz do tumulo !
 Sim — murmura aqui a aragem meiga ,
 Aqui da solidão fallão os genios ;
 O hervaçal tem frescor, o orvalho é doce ;
 O sol, quando rebrilha, é morno e tepido ;
 Aqui joelhos d'homem estremeceem,
 O coração palpita — e a voz nas fauces
 Presa não sae — que não dá fé dos homens.

II.

Oremos, oremos,
 Nossa alma elevemos !
 — As preces do triste
 No ceu tem valor ;
 Que pallido existe
 No seio da dôr.

III.

Virgem, — que fazes tu sobre meu collo ?
 Porque me-estreitas convulsiva — e o rosto
 Pousas no meu tisonado ?
 Porque no teu olhar d'inleivos ricco
 Intornas a magia de outros mundos,
 Tentas fallar e tremes ?

Eu sei que és bella ! — na pupilla negra
 Brilha um raio fugaz á sombra amiga
 De sericas pestanas ;
 Riso de um anjo te-desflora os labios
 E a rosa inda em botão abrolha a medo
 Entre rubis e perolas.

Eu sei que és bella! — nessa fronte grega,
Nessa pallida tez arqueja um sonho
E o coração nos labios;
— Talvez te-amára Faust, talvez achasse
Onde heber segredos da existencia
E a sede saciar!

IV.

Vae-te, vae-te Mulher! — vês esta noite
Tetrica, escura, em que negrejão trevas?
Assim creio tua alma;
Vês estas flôres resequidas, murchas,
Que blasphemar parecem no silencio?
Não troco-as por teu peito.

Choras, donzella — e de joelhos, muda
Ergues as mãos ao ceu e após me-rogas
Nessas fallas quebradas!
Não as sente a cratera involta em gelo;
Perjurios... não os creio, Mulher perfida,
Curti-os sobre a terra.... —

Menti, quando te-disse que te-amava;
Menti, quando nos braços apertei-te
Sem manchar-te o candor;
Amei, é certo, com amor de um bardo,
Tive n'alma um volcão, no peito um templo,
Na mente um ceu d'estrellas! ...

E o que me-derão ellas? — só frieza! ...
Quero mostrar-te os restos carcomidos
Das mulheres, que amei;

Quero rir-me tambem de teus suspiros
E dar-te em troca de carinhos falsos
O beijo de um cadaver ! —

v.

Eil-a que se-ergue podre e já comida
Pelo verme da terra — e além caminha !
O craneo liso, impoeirado e feio,
Negreja entre as cyprestes
— E na frente se-lê
A prostituta ! —

Sobre as faces do bardo a mão myrrada
Impavida incostou — e sobre os labios
Gelido bafo desvendou-lhe a morte
Co' a descarnada boeca,
Ninho d'insectos negros,
Fetida e horrida !

Dos incovados olhos turva lagrima
Lhe-córreu pelo rosto amarelento,
Onde alimentos procurava o corvo ;
Os ossos lhe-ranjerão
No esconjunctado corpo
— E ajoelhou-se.

Depois a voz rouquenha e alquebrada ,
Ella arrancou do cavernoso peito
Aos ventos entregando-a taciturna
— E os échos das montanhas
A espaços repetião :
A prostituta !

— Ouves o corvo? oh sim! — é o meu amante,
Poisa a noite no ramo do cypreste
 A conversar co' os mortos,
Solta a ironia no grasnar medonho,
É falla juncto a lousa do sepulchro
 Dos regios catafalcos.

Eu te-esperei... oh muito! — noite a noite
Vaguei a sós no esbrazeado ermo,
 Cumprindo meus fadarios

E nem teus braços, nem teus beijos servidos!
— Sómente o duro leito, o somno ferreo,
 E a lapida pesada! ...

Pude alfim resurgir do fundo tumulo
E uma vez ainda entre suspiros
 Dizer-te um triste adeus,
Lembrar-te as horas da volupia louca,
Os desmaios de amor, de amor as fallas
 E as noites não dormidas! —

Maldicções... e porque? — perdão aos mortos!
— Gastei da vida a seiva em orgias negras
 Na pocilga dos vicios;
No ebrio tresvario immaranhei-me
Do immundo lupanar — e a flôr dos annos
 Desfolhei-os na terra;

Porém que val' o corpo? — a alma foi tua,
Foi teu meu coração, meu pensamento,
 Inda sou tua... — oh sim!

A mim teus braços n'nm sonhar d'amores,
A mim teus beijos de perfume ethereo,
Poeta — a mim tua alma !

E o negro phantasma co'os braços e rindo
O corpo do bardo foi logo cingindo ;
Cairão, gemerão, sonharão, morrerão
E após acordarão.

VI.

Sumiu-se a visão
Na vasta amplidão,
Perdendo-se as fôrmas em vago clarão.

O bardo acordou
— E a virgem fallou,
Que pallida e muda já nada escutou ;

Seguirão avante
N'um passo constante
— Sem ter um só morto qu' andando os-espante.

VII.

Oh que espectro aurifulgente
Postado juncto da cruz,
Perfumado em harmonias ,
Todo brilhante de luz !

Tem o rosto a côr do lirio,
Como a neve é branquejante,
Tem como a face divina
Sua face radiante :

De flôres de lorangeira
Traz alvissima capella,
Nuvens, do ceu, flôr da terra,
Uma só não ha mais bella.

Eil-a que se-approxima,
Eil-a que solta a voz,
E uma grinalda rosea
Na frente do bardo pôz.

Poeta, — eis teu condão, caminha ufano!
Retroem maldicções; — essa grinalda
 Não ha de immurcheecer.
— Reguei-a de meus prantos de saudade,
Sagrei-a no baptismo do sepulchro
 Para fadar-t'a um dia.

Poeta, — foste o sonho de meus días;
De ti a natureza me-fallava;
 Nos somnos me-surrias
Entre os pregões da fama ao som de cantos;
Em labyrintho magico de affectos
 Comtigo eu meandrei!

E agora vae-te — que o futuro é grande;
Nos recantos d'além te-acena a gloria:
 Tens. o throno das aguias,
Nos astros um altar, na terra um templo,
Entre os anjos do ceu um nome augusto
 E no meu peito incensos! —

VIII.

E a visão apagou-se e o bardo em extasis,

Sobre a terra os joelhos tiritando,
Dobrou desalentado e em corpo frio
Topou, — era o da virgem.

— Que fazes — tu mulher? — adormeceste!
Não mais teus olhos para a luz da aurora
Has de contentê abrir?!
Não mais teus lábios, derretendo incantos,
Hão de apontar-me um paraíso aerio
E me-acenar p'ra o ceu?!

O cadaver ergueu-se e um ai dorido
Fugiu-lhe apenas, desmaiou furtivo;
— Co' a face immovel e o sorrir da angustia
Soltou esta palavra — era mentira!

IX.

E a lyra immudeceu e o cirio funebre
N'outro dia ao sol posto allumiava
Feral esquiife — e os negros renques
Infileirados, tristes, cabisbaixos
Infiavão um templo:
Foi elle? — o mocho é mudo, a brisa passa.
A noite foge, não murmura o sino.



O OCEANO



*Océan, Océan, le parfum de ta côte
Fait germer la pensée; elle jaillit plus haut,
Et s'épure à ton air comme le bronze au feu.*

(TURQUETY.)



Cuberto de arminho, de escamas luzente,
Um monstro se-ergueu;
Gemia, chorava, tremia, bramava;
— Ninguem o entendeu.

Mais alva, mais linda, mais crespa uma juba
Ninguem — nem eu
A cerda mais fina não tem sobre a terra
Um só javali.

Violentos rangidos terríveis se-escutão
Em seus torcicollos;
Tremendo é no aspecto, não cede em distancia
Ao eixo dos polos.

Si ao pino do sol se-arrepela inrubado,
Furioso e erguido,
Semelha guerreiro de rija armadura,
De sangue tingido.

O monstro mil fórmias n'um breve momento
Mudando vestia ;
Por mais que se-esforce o pincel não desenha
As fórmias que eu via.

No somno co' os braços os mundos estreita,
— Não teme um igual ;
Se a fronte alevanta, nos astros se-interra,
— De Deus é rival.

— — —

Tem o rugir da panthera,
Tem o brado do leão ;
— Não ha na selva uma fera
Que lhe-iguale em coração.

Como o urso branco é feroz,
Como o tigre é traiçoeiro,
Como o cervo elle é veloz,
Como a serpe feiticeiro.

Si como um gigante ultriz
Assanhado se-alevanta,
— Ninguem sabe o que elle diz
Que magoas hymnos descanta.

Elle avoca muita vez
Basta floresta de lanças ;
Tu, vivente, não a-vês,
As phalanges não lhe-alcanças.

Sobre as praias se-espreguiça,
Contra as lapas arremete;
Nunca a branca juba eriça
Sem que o vento a-inquiete.

Ao certoiro caçador
Inleia si está dormindo;
Si acordado põe temor,
Mesmo em ira é muito lindo.

Como a serpente se-inrosca
E como ella geme e ronca,
— Guindadoq na base tosca
Saccode a cabeça bronca.

É um elephante na tromba,
A Leviathan humilha;
Quando quer, ufano tomba
Quem os seus caminhos trilha.

Seus fados... — ninguem os-sabe,
Ninguem os-póde rasgar;
Só a Deus, a Deus só cabe
Este mysterio acclarar.

Oceano, oceano
És soberano;
— Nas alturas teu Deus, aqui tu só
E o mais ao ver teu solio cae no pó! —



O PASSADO.



*Não duraram meus gratos enganos,
Que não sei por que modo... eis-me aqui!*
(CASTELLO BRANCO.)



I.

Era um lago ; — no meio um barquinho ,
Como um cysne nas aguas vogava ;
— E eu lá dentro e sósinho e sonhando
Via as ondas, que a-espuma aljofrava :

Era um lago ; — no dorso esmeralda ;
Tinha côres ao prisma roubadas ;
— E o barquinho comigo contente
Resvalava nas aguas caladas.

Tinha uns ais que apprendêra no Elysio,
Tinha prata na praia estendida,
Tinha outeiros de relva macia ,
Tinha a imagem da estrella luzida:

E que espaldas formosas nos montes !
E que bellos infindos espaços !
E que fontes de claro crystal !
E que rugas de neve nos braços !

Era um lago ; — e que amores na terra !
Innocente , — só Deus me-affagava !
E eu lá dentro e sósinho e sonhando
Sobre as aguas ditoso boiava.

Tinha amores aos altos cabeços,
Onde a luz da manhã vem poisar ;
Tinha amores as aves, cantando
O sol posto — de noite — ao luar ;

Tinha amores ao monte inda virgem
Rociado d'amenos frescor ;
Tinha amores a vaga mansinha,
Que na margem suspira d'amor ;

Tinha amores ás lagrimas tristes
Que choroso distilla o salgueiro ;
Tinha amores a tudo qu'eu via,
Que surriü-me no mundo ligeiro.

Era um lago ; — no meio veloce
Meu barquinho — gaivota do mar ;
— E eu lá dentro e sósinho e dormindo
Sem cuidado com Deus a sonhar.

II.

Aportemos, meu barco, é já tarde ;
Aportemos, — que bufa a tormenta ;
Aportemos — que o mar estrebuxa
E a lua no ceu desalenta !

Tetras sombras os ares inturvão,
Brame ao longe a terrivel procella ;
— Mas nas praias barradas d'escuma
— Oh ! que vulto, meu Deus ! —será ella ? —

Ondas negras de negros cabellos
Sobre o collo de marmor caião ;
Como a estrella nas pregas da nuvem
Os seus olhos vivazes luzião ;

Como frocos de neve tão alvos,
Palpitavão-lhe os languidos seios
— E na pallida face morrião
De sua alma de fogo os anceios.

Oh quem era ? ! — visão desgarrada
De outro ceu, de outro reino mais bello ? ...
Oh quem era ? ! — meu sonho mudou-se ! ...
Porque agora entre os homens eu velo ? !

Eu a via nos valles perdida,
Inexperta na terra dormindo ;
— Tinha um sonho que a morte fingia,
Si era um anjo — não sei... — era lindo.

Ia noite por noite incontral-a
Sobre as rochas do mar assentada,
— Mãos erguidas p'ra Deus, soluçando,
— E a vista — que dôr ! — desvarada !

III.

Onde estou? — que é do sonho doirado?
Porque cedo p'ra o mundo morri?!
D'onde vim? quem agora me-leva? —
O meu barco e o meu lago... perdi.



A MINHA MÃI.



*Que thesouro ha 'hi na terra
Que valha uma alma de mãe.*

(A. LIMA.)



Quem nos alenta as dôres da existência,
Mil gozos a florir ?
Que o leito nos deu, quem neste mundo
Sempre vemos sorrir ?
Quem saudavel frescor esparze afflicta
Em nosso coração ?
Quem nas horas de fundo soffrimento
Nos-dá consolação ?
Quem noite a noite cuidadosa e terna
O nosso berço embala ?
Que neste exilio de joelhos sempre
De Deus sempre nos-falla ?
Quem sua vida nos-dá, nos-dá sua alma ?

Minha mãe — tu és um sôpro
Da celeste habitação,
És a sombra onde abriguei-me
Nesta minha provação ;

És um astro, que fulgiste
No meu triste firmamento,
Que me-amparaste na terra,
Que me-apagaste o tormento ;

— Que contricta me-rasgaste
Da existencia o negro veu ;
Que, luzindo no desterro,
Me-appareceste no ceu.

Minha mãi , — tu és um anjo
Que velas minha existencia,
Mais pura do que os meus sonhos
Do meu tempo de innocencia ;

— Aurora meiga e fagueira
Nos meus dias de agonia,
— Brando sorriso do Eteruo,
Que só me-dêste alegria.

Minha mãi — que doce nome ! —
Oh quem na terra assim é ! —
Tu me-ensinaste a ter crença,
Tu me-dêste amor e fé.

Viça, viça — que Deus te-bafeja,
Lirio branco do ethereo jardim ;
Oh poder que pudesse um desejo
Dar-te gozes e vida sem fim!



A MEU PAI.



Deslaçai-vos suspiros de minh'alma.

(GARRET.)



Venerando ancião, — tu me-arrimaste
Os mal seguros, vacillantes passos
No caminho da vida,
— Tu que nunca as paixões acovardarão
Rigido e forte;

Conselheiro leal, — tu me-apontavas
Do austero bem o asperrimo caminho,
Os barrancosos trilhos
E ao cabo um templo de labores ricco,
Placido e bello;

E passaste, meu pai! — no incerro eterno
Chumbou teus olhos a perpetua noite;
No imperio dos finados
Cadaver feito já te-involvem hoje
Tetricas somhras....

Oh quem firme teu nome hoje inda guarda
Só teus filhos, a irmã, sómente a esposa,
Mais ninguem... mais ninguem!
— Pois na terra dos vivos ninguem ama
Livido morto!

Porque deixaste o ninho teu querido
Por cova humilde do torrão sagrado;
Tão cedo morto e frio
Porque levou-te d'entre os homens crua
Pavida morte?

Oh não respondas não, — dorme tranquillo!
Não acordes, feliz ao som de lagrimas
No teu leito terrento,
Como a gotta de orvalho na jazida
Tremula e doce.

Cessou o combate das paixões trevosas,
Extinguirão-se os odios famulentos,
A cubiça voraz
Da manceba vendida — a vil politica,
Inelyto e justo;

Hoje podem os homens justiceiros
Pesar-te a vida, que a virtude peja,
Laurear-te o busto;
— Póde a invesgada inveja ouvir sem medo
Limpidos cantos:

Cáia pois sobre a lousa secca e arida
Prantos de um cidadão, de um filho a lagrima
Na dorida agonia
E a saudade sem fim grave teu nome
Integro e puro.



EM QUE PENSAS?



O coração porque geme?

O labio porque suspira?

(SERPA PIMENTEL.)



Quando pallida e triste entre desmaios
Volves teus negros olhos descuidada;
— Porque estremecem lagrimas diaphanas
Nessa pupilla de chorar cançada?

Quando á noite sentada em meus joelhos
Fallas-me ao coração com teus olhares;
— Acaso tremes por scismar na vida,
Em seu duro soffrer, em seus pezares?

Quando inejas no labio um curto riso,
Porque após o suffocas, ó donzella?
Não tens o sacro incenso, o fogo ardente
— Affectos que minh'alma te-revela?

Quando unidas as mãos — em fito a vista
No tão longo porvir junctos pensamos;
— Porque timida a voz sae dos teus labios,
Como a brisa da noite sobre os ramos?

Sim — tudo passa: — no correr dos annos
Apenas resta desbotada esp'rança
E após — na triste cova abandonada
Quando muito na terra uma lembrança ! —



BRUTO.



Pesa mais um punhal que uma cadêa.
(A MARRECA.)



I.

Alma romana fundida
Na temp'ra de Esparciata,
— Incauta dormes na vida! —
Já tuas mãos também ata
Negros ferros de um tyranno?!
Temes o olhar soberano
De Cesar triumphador,
Esse do mundo gigante,
De Cleopatra o amante,
Das Gallias o vencedor?!

Essa do mundo rainha,
Tendo a terra por escrava.
Ver desluzida e mesquinha....
Eia — Bruto, a affronta lava!
Entre a deshonra e o punhal
Oh! dize, dize, o que val?!
Tu acaso inda trepidas,
Preferes do opprobrio o leito,
Já não se-inflamma teu peito
Da liberdade nas lidas?!

N'essa Pharsalia guerreira
 Não pelejaste incruento?
 De teus irmãos na poeira
 Não viste o corpo sanguento?
 Não vês de Roma no solio,
 No manchado Capitolio
 De Cesar o estandarte?
 Não o-vês em festa ousado
 Por Antonio corôado
 Com a amisade insultar-te?

Os senadores vendidos
 A essa toga consular
 Não os-vês invilecidos,
 Serviz a fronte abaixar?!
 E apoucados, humildosos,
 Só na infamia porfiosos
 —Té o fado feminil,
 Sua honra, sua vida e alma,
 Discutindo em fria calma,
 Curvados a um mando vil?!

Entre ossos negrejando,
 A cabeça de Pompêu,
 Em mar de sangue boiando,
 Não surge no sonho teu?
 Não te-grita — alerta, alerta!
 Teus planos, Bruto, concerta?!
 Não vês Catão na esperança
 Da liberdade ou da morte,
 — Sempre ao lado a espada forte,
 Que vela — nunca descança?

Tremeste acaso ante os olhos
 Desse archanjo das batalhas,
 Como a vaga nos abrolhos
 Ou a bala em ferreas muralhas?
 De teu dedicado affecto
 Não é teu paiz o objecto?
 Eu quero pois vêr-te altivo,
 Como um leão furibundo
 E nas garras moribundo
 Um tyranno, que era vivo.

De Junio a cinza já morta,
 — Sempre juiz inflexivel,
 Do sepulchro bate á porta,
 Desata um brado terrivel:
 Do atro abysmo na borda
 O teu valor não acorda;
 Inda ousas descançar,
 A liberdade esqueceste,
 Para os teus tu já morreste?!
 Oh não, não — has de acordar!

II.

Teu nome acclamão, Cesar impavido,
 Sublimes hymnos — e a fama soffrega
 Arroubada te-eleva
 Nos remontados extasis.

Louco adoravas a pugna inhospita
 — E o doce gozo — e o socego placido
 Trocavas por carnagem
 Das pelotas na purpura:

Tambem amavas minaz relampago
Do gladio teu coruscante e avido
— E ias pascer teus olhos
Em mar de sangue e lagrimas.

Outr'ora os montes curvavão pavidos
A fronte excelsa a cohorte armigera,
Qu' invencivel seguia
O gigante laurifero;

Mas eis por fim o momento lucido,
Em que o destino, soltando anathemas,
Do posto a que subiste,
Te-lançará no baratro! —

Irão espadas leaes e-fulgidas
Mudar-te as glorias em frio tumulo
— E a estatua de Pompeu
Ha-de abraçar-te pallido!

Assim heroes do elevado pinCARO
Da morte caem nas relvas aridas
— E vão dormir tranquillos
Entre podres cadaveres...

E o que te-dérão sanguentas victimas
Erguidas vistas, desejos tumidos?
A vÍgilia, a dôr, a raiva
E o remorso mortifero....

III.

**Athleta gigante, — onde vás tu correndo ?
Attende a Calpurnia, que triste sonhou ;
Attende a seus rógos, — que as vezes os sonhos
Exprimem verdades que a mente apanhou.**

**Não vas — que esta noite vagarão
Nas ruas phantasmas praguentos ;
não vas — que scentelhas brilharão
Em mantos de treva agourentos ;**

**Não vas — que animal sem exemplo,
Sem ter coração immolou-se ;
— Que em pedras de Capis no templo
Voraz inscripção desvendou-se ;**

**Não vas, guerreiro, não vas
— Que as negras Idas de Março
Um angur te-assignalou
Ter em pó teu corpo esparso.**

IV.

**Eil-o só caminha ufano ,
Soberano
Os vãos presagios não teme
— Que não treme.**

**Uma corôa deseja ;
—E que seja
Na Roma febricitante,
Fulgurante.**

N'uma sibylla tem crença,
 Doido pensa
 Que a morte do Partho audaz
 Tudo traz.

Anima-lhe o cortesão
 A paixão,
 — Seus temores expellindo
 E sorrindo.

V.

Pompêa a vasta mole do Senado
 E a multidão em ondas procellosas
 As entradas lhe pejão ; — bellas galas,
 Custosas festas lhe atavião ledas ;
 Mas nem todos os labios com sorrisos
 Deixão ver o prazer — mentido embora !
 Ali vela a vingança ; — a liberdade
 Ergue um supplicio para o rei dos mundos ;
 Rubra espadana em borbotões sanguineos
 Salpicará de horrores essas paredes :
 Ha-de um colosso desabando a terra,
 A terra estremecer, pasmar os homens.

Que burburinho é esse amiudado ?
 Que reboição, que se-apinha.., apinha...
 E vem se-approximando ? — eis já se-arreda
 Estrada larga ao Jupiter invicto !
 Sobranceiro caminha e avante segue ;
 Eil-o agora sentado — e perto d'elle
 Ajoelhado Cimber supplicante :
 Oh que scena ! — um punhal acicalado ! ...
 Contra um só ! — vil fraqueza — heroico feito ! —
 So merece um punhal um matricida !

VI.

Que fazeis, conspiradores?
Já parados implorando! ...
Não tendes braços e vidas,
De homens innumero bando?

Incertos perdeis o tempo,
Cerrados no Capitolio ;
— E, um solio destruindo,
Deixais subir outro solio!

Arrosta qualquer destino
Quem defende a liberdade;
Tem os seculos que não morrem,
Tem a sã posteridade.

Si não correis, passa o tempo ;
A ida será tardia
— E a urna da liberdade
Achal-a-heisjá vazia

De Lepido a legião
Está no campo de Marte ;
Espera as ordens de Antonio,
Que ha-de a-ti, Bruto, esmagar-te.

Qu' importão suas respõstas,
Vulpinas e duvidosas?
È que vê Pompeu —o jovem
Com suas forças numerosas.

Todo o povo se-exacerba
De Cesar nos funeraes,
Os assassinos procurão
Com gritos loucos brntaes.

A guerra, — a guerra, valentes!
Com honra ao menos morrer;
Combate quem não quer torpe
Severo mando soffrêr.



Lá chega Octavio appressado
Da cidade de Apollonia,
Lá prepára uma vingança
Ao seu character idonea:

Astucioso e thraconico
De Cicero apoderou-se;
A eloquencia romana
Diante delle dobrou-se.

Tardos partis, almas grandes,
Para as raias do Oriente;
Lá nasce o sol, — para vós
Já elle está no Occidente.

No vosso incalce já seguem
Do vil Antonio as cohortes
— E vossas mortes pregoão
Em seus ferozes transportes.

Caiu Pansa derrotado
Por hostes liberticidas,
Mas lá no campo de Octavio
O azar as-vê traídas.

E qu' importa? — colligados
Hão-de em breve pelear;
Entrado de vil torpor
Todo peito ha-de ficar.

VII.

Que exercito é esse, que avante caminha,
Se-alinha
Diante da vasta cidade, que eterna
Prosterna?

A frente fulgurão tres homens ovantes,
Brilhantes,
— Que o facho desluzem da gloria romana
E a fama.

Alados se-atufão na infamia asquerosa,
Viscosa
— E o sangue que salta, que as vistas empana,
'spadana.

Vende-se a preço caro
Toda cabeça,
Não ha refugio
P'ra quem o peça.

O oiro paga
A vil traição;
Não ha nobreza
No coração.

A morte ebria,
Trepudiando,
Preciosas vidas
Já vai ceifando.

Não se-respeitam
Laços fraternos,
Solvem-se rindo
Grilhões paternos.

A proscrição
Estende os braços ;
Afogão tudo
Ferreos abraços.

Elles' semelhão
Tigre faminto,
Tendo a garganta
De sangue tincto.

É tudo horror,
Feia negrura
—Sem luz que fulja
Na treva escura.

E dispõe do fastigio de Roma
Furias negras dos negros infernos ;
Mas os males, que passam na terra,
Deus não ha-de querel-os eternos.

Lepido, Antonio e Octavio
Estão á frente do Estado
— E apraz-lhes ver insepulto
Cadaver amortalhado.

VIII.

Baralhão-se os mortos nos campos de Philips,
 Das armas micantes reboça o tinido,
 Estrugem os gritos de mil combatentes,
 As pragas do Averno, do Averno o alarido.

O mádido freio mastiga o ginete,
 Inchado de orgulho tropêa e relincha,
 — Mais feio que as vozes do turgido mar,
 — Mais feio qu' o mocho, que pavidô guincha.

Os gladios cruzados em rubro oceano
 Imitão relâmpos em lago de sangue,
 — Em tiras as carnes alastrão a terra,
 A poeira revolta tingiu corpo exangüé.

Da guerra no estrepito a morte se-folga,
 Tem fartos pastios o lobo voraz,
 Retremem as terras, infia o horisonte,
 Dos homens esgueira-se a candida paz.

As fillas de Cassio fraqueão no embate,
 Debandão-se agora, não podem vencer;
 Mas pôde o seu chefe, que livre nasceu
 Mais livre na campã contente morrer.

Tem seu braço, que não falha
 Tem sua buida espada
 — E no esgastulo terrestre
 Alma p'ra o ceu exalçada.

Só tu ficas, ó Bruto, só tu ficas,
— Dessa Roma infeliz final baluarte,
Gigante herculeo, que assombraste o mundo
— Que ha-de sempre lembrar-te !

Luzeira radiosa em manto plumbeo
Sobre a cidade eterna tu pairavas
— E no ambito estellante, que traçaste,
Opaca não ficavas.

Oh contra os inimigos não escutes
A vontade tenaz de teus soldados;
A fome os-matará; — é facil vêl-os
Em breye esfomeados !

IX.

Em ambulante tenda repoisado
Quem pensa a horas mortas
— Sem medo as larvas, que das sombras quebrão
As aldrabadas portas?

Pela segunda vez quedado em scísmas
Dize, dize — o que viste?
Além o corvo grasna, a rã coacha,
Teu fado será triste?

A cabeça elle ergueu e viu ao longe
Sem tomar-se de horror
Negro phantasma, temeroso e feio
— Emblema de terror.

Então co' a voz pausada lhe-pergunta :

Serás Pompeu — o Africano
Ou Scipião soberbo ?
Serás ~~de~~ Mario plebeu
O espirito fogoso ?

Ergue a mão o espectro e respondeu :

Vim visitar-te, — sou Cesar,
Despertei no meu jazigo ;
Sou teu máo genio, Romano,
Amanhã serei contigo.

Baixou a fronte Bruto, — a visão foi-se ;

A lampada inda luz !

Talvez nivele o pó seus odios agros

Talvez os-ligue a cruz !

X.

Alerta — que é hora aziaga,
Alerta — que vai-se ao combate,
Co' a vida ben'ficios não paga
A' patria infeliz quem se-bate !

Como bulcões, que unidos se-intrechocão,
Que se-inrolão na terra e os astros roção,
Que ao largo correm, que de novo abração-se ;
— Assim os inimigos se-accommettem.
Quando em furia de rastro confundidos
Intrançados além — parecem densos,
Serodios bojos, duplicando horrores,
Ondé trisulcos raios se-mixturão
Ou entre escolhos borriscada infrene.
Em campo aberto o lampejar das armas,
O gemer do que morre, os ais agudos

Da horrífica celeuma, os mil conjuros,
 Estrondeando além nos échos longes,
 Os confusos corceis, pulando a esmo,
 Em ignivomas nuvens rebucados
 De lucidas fagulhas, que se-espalhão,
 — Semelha uma estupenda tempestade,
 Onde berrá o Oceano, as furnas fallão,
 Despede-se o trovão, estallão raios,
 Se-espreguiça o corisco, a terra treme.

XI.

Sim — que me-resta pois? morreu-me tudo!
 Já não tenho o meu sol — nem tecto amigo,
 Nem a patria São! haqueeu sem forças
 O ultimo tronco da arvore sagrada
 — E a incruccida espada ha-de rasgar-lhe
 O seio puro e virgem! O' virtude
 Tu não és mais que um nome!
 Foi sua voz derradeira, Deus ouviu-a
 — E a cortesã perenne dos viventes
 No toro sepulchral abriu-lhe os braços!
 Como a espiral de fumo sacrosancto
 Que em tórcidos novellos se-expandindo,
 Do thuricrimo alçar aos arés solto,
 — Assim da terra pura e recendente
 A' siderea mansão vôou su'alma:
 Viveu cõ' a patria só, morreu com ella!

FIM.





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).